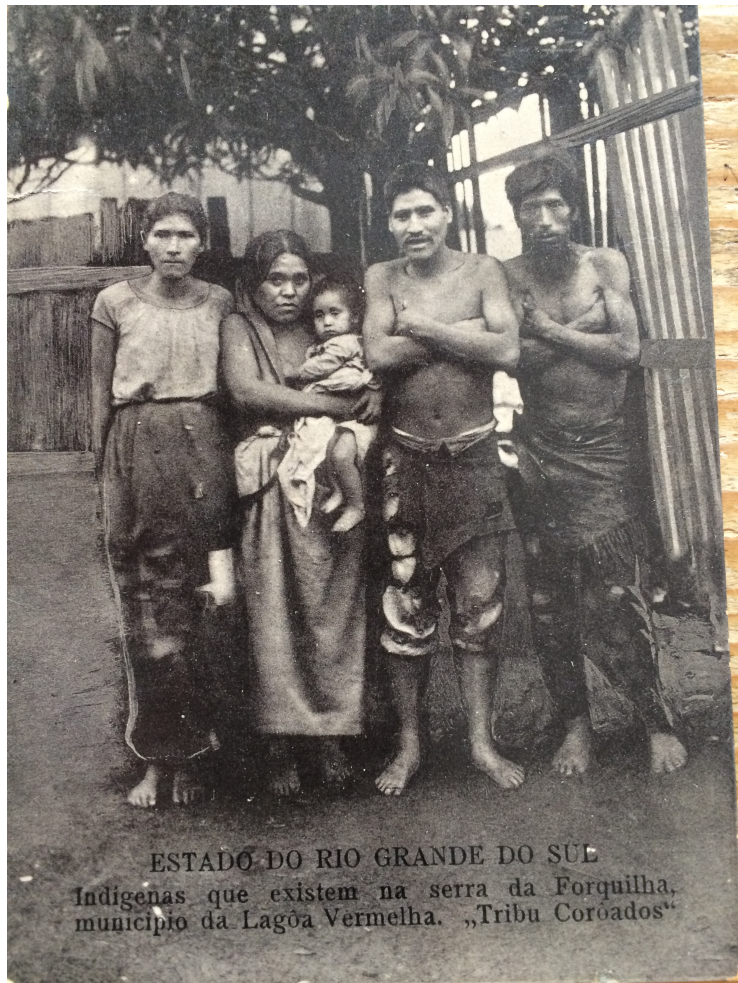


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Guilherme Maffei Brandalise

**"ELES SE VANGLORIAM DE SER ÍNDIOS, E COM ESSE NOME QUEREM SER  
CHAMADOS": INDÍGENAS, CAPUCHINHOS E AS COLÔNIAS ITALIANAS NO  
NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL (1895-1918)**



Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Junho de 2019

GUILHERME MAFFEI BRANDALISE

**"ELES SE VANGLORIAM DE SER ÍNDIOS, E COM ESSE NOME QUEREM SER CHAMADOS": INDÍGENAS, CAPUCHINHOS E AS COLÔNIAS ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL (1895-1918)**

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Santos Neumann

PORTO ALEGRE

2019

## AGRADECIMENTOS

Primeramente, quero agradecer aos meus pais, Oscar e Sônia por todo o apoio que me deram a vida toda, em especial durante os anos de Graduação, quando vivemos em cidades diferentes. Um agradecimento especial ao meu pai, que sempre me incentivou a leitura, o gosto pela história e o pensamento crítico, além de ter feito grande parte das traduções dos jornais em italiano, trabalho fundamental para a escrita desta monografia. Para minha mãe, agradeço pelas conversas, por me escutar falando sobre o que gosto de estudar, pela motivação constante, e pela serenidade que sempre me passou.

Outro agradecimento especial para minha companheira Milena, que me deu apoio fundamental durante a escrita do tcc, pelas conversas sobre os conteúdos, pela empolgação com os estudos e pela ajuda em momentos difíceis.

Também agradeço muito pelos amigos que fazem parte da minha vida, (em Caxias, Porto Alegre e nesse trânsito) cujo apoio mútuo e trocas de idéias me ajudam tanto na graduação, quanto na vida. Agradeço também pela compreensão da minha ausência nos últimos meses.

Muitos colegas foram importantes dentro da caminhada universitária, e agradeço pelo companheirismo que tantas vezes encontrei entre eles.

Aos professores, que me ajudaram a pensar a história, a educação e o nosso papel no mundo. Em especial, aos professores Eduardo Neumann e José Otávio Catafesto , por incentivarem o interesse na temática indígena, tão importante e muitas vezes invisibilizada. Ao primeiro, um agradecimento especial por acolher minha pesquisa e orientar esse trabalho.

Também gostaria de agradecer às professoras dos anos iniciais do Colégio de Aplicação, ao pessoal do Arquivo Histórico Moysés Vellinho. O tempo de estágios e bolsas nesses lugares foram muito enriquecedores. Ao grupo de trabalho Indígenas na História da ANPUH, pelas oficinas, diálogos e projetos futuros.

Para finalizar, quero agradecer a dona Iracema e seu João Padilha, pelas conversas que tivemos, que me ajudaram a entender os povos indígenas para além das leituras. Dedico esse trabalho aos indígenas que hoje vivem nas Cidades, onde muitas vezes vivem situações complicadas, mas que não deixam de lutar por seus direitos.

## RESUMO

Este trabalho busca compreender as relações entre indígenas Kaingangs, colonos italianos e freis capuchinhos, entre a chegada destes à Conde D'Eu, em 1896 e a fundação do aldeamento de Cacique Doble, em 1910. Para tal, foram analisadas fontes documentais produzidas pelos religiosos em suas incursões pelas colônias e na missão que estabelecem entre os indígenas de Fachinal e Caseros, a partir de 1904. Também foram pesquisados os jornais *La Libertà* e *Il Colono Italiano*, impressos pelos capuchinhos em Caxias e Conde D'Eu. A partir dessas fontes, foi possível perceber as nuances de *caridade* e *exploração* no contato entre imigrantes e indígenas na Serra Gaúcha nas primeiras décadas do século XX. A partir dos referenciais metodológicos adequados, essa monografia buscou amplificar as vozes indígenas nas fontes, a partir da constatação de que foram, por muito tempo, silenciadas.

Palavras Chave: Colonização italiana; Missões religiosas; Povos indígenas; Kaingangs; Imprensa capuchinha; Serra gaúcha.

## **RIASSUNTO**

Questo lavoro cerca di comprendere le relazione tra gli indigeni Kaigangs, i coloni Italiani e i Frati Cappuccini, tra l'arrivata di questi Frati alla città di Conde D'Eu nel 1896 e la fondazione del villaggio indigeno di Cacique Doble nel 1910. Pertanto furono analizzate fonti di documenti prodotti degli Religiosi nelle sue incursione sulle colonie Italiane e nella missione che stabilirono tra gli indigeni di Fachinal e quegli di Caseiros, cominciando nel 1914. Anche furono ricercati i giornali La Libertà e Il Colono Italiano, stampati dei Frati Cappuccini in Caxias do Sul e Conde D'Eu. Attaverso di questi fonti, fu possibile percepire le gradazione di carità e di esplorazione dopo il contatto tra gli indigeni e gli immigranti Italiani nella Serra Gaucha nelle prime decate del secolo XX. A partire di questi riferimenti metodologici adeguati, questa monografia cercò di amplificare le voce indigeni nelle sue fonti, dopo di avere costatatto che furono per molto tempo silenziate.

Parole Chiave : Colonizzazione Italiana; Missione Religiose; Popolazione Indigena; Kaigangs, Stampa Cappuccina; Serra Gaucha.

## LISTA DE FIGURAS

Capa: Índios - (“Archives des Capucins” de Paris: Arquivo Savoie 13Y)

- Figura 1** - Mapa retirado de LAROQUE (apud DORNELLES) com o Campo dos Bugres em Destaque.....26
- Figura 2** - “Índios”. Arquivo Savoie 13Y, “Archives des Capucins” de Paris.....35
- Figura 3** - Cacique "Fausto" – Lagoa Vermelha Arquivo Savoie 13Y, (“Archives des Capucins” de Paris).....39
- Figura 4** - Jovem índio sendo castigado s/d e s/l (“Archives des Capucins” de Paris; Arquivo Savoie/11Y).....52
- Figura 5** - Grupo de índios na Floresta de Sanaduva – 1905 (provavelmente foto feita por Fr.Bruno ou por Frei Raymond de Vovray-en-Bornes) (“Archives des Capucins” de Paris; Arquivo Savoie/11Y ).....53
- Figura 6** - Foto intitulada "Índios" onde se vê ao fundo a figura de um frei Capuchinho. (“Archives des Capucins” de Paris: Arquivo Savoie 13Y).....63
- Figura 7** – Lê-se “Índios Coroados ~Sua Excia. D. João Becker ~R. P. Geraldo, E. M. G.” Arquivo Savoie 13Y, “Archives des Capucins” de Paris.....64

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. OS KAINGANG NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL ATÉ O SÉCULO XIX</b>	
1.1: Presença indígena na Serra e nos Campos de Cima da Serra no período anterior ao contato.	14
1.2: As frentes de expansão no período colonial.....	15
1.3: Os indígenas e o Estado no século XIX.....	17
1.4: Atuação dos caciques no nordeste do Rio Grande do Sul no século XIX: João Grande, Braga e Doble.....	20
<b>2. OS INDÍGENAS EM CONTATO COM COLONOS ITALIANOS</b>	
2.1: Guerras, <i>bugreiros</i> e aldeamentos: formas de esbulho dos territórios Kaingangs no século XIX.....	27
2.2: Os Coroados e o início da Colonização Italiana.....	31
2.3: Fontes sobre o contato entre Italianos e Kaingangs.....	35
2.4: Sobre indígenas e italianos nos jornais <i>La Libertà</i> e <i>Il Colono Italiano</i> .....	39
<b>3. ÍNDIOS, <i>BUGRES</i> E CAPUCHINHOS: Relações diversas a partir da imprensa das colônias italianas.</b>	
3.1: O papel dos Capuchinhos de Conde D'Eu nos toldos kaingangs no início do século XX.....	45
3.2: " <i>... e nisso são mais felizes que um rei em seu trono</i> ": Perspectivas sobre os Kaingangs na Imprensa Capuchinha.....	49
3.3: "Eles se vangloriam de ser índios, e com esse nome querem ser chamados".....	53
3.4: A "Visita Inesperada" e seus desdobramentos.....	58
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
Fontes.....	68
Jornais.....	68
Bibliografia.....	68
Anexo: Catálogo de Fotografias dos "Archives des Capucins" de Paris.....	73

## INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por objetivo investigar a presença e a atuação dos Kaingang no Rio Grande do Sul, entre os últimos 5 anos do século XIX e a primeira década do século XX. O recorte espacial proposto é da região nordeste do Rio Grande do Sul, em especial a área correspondentes onde haviam as colônias de Caxias, Conde D'Eu, Nova Virgínia e onde então era o município de Lagoa Vermelha e a nova colônia de Sananduva. O recorte temporal, de 1895 até 1918, é limitado pela disponibilidade das fontes. Porém, é importante ressaltar que a pesquisa realizada aqui recorre a jornais do final da década de 1910, disponíveis em acervo digitalizado da câmara municipal de Caxias do Sul; e ao acervo de cartas e fotografias presente no Museu dos Capuchinhos em Caxias do Sul, referente ao período em que estes freis estiveram em contato com os indígenas no município de Lagoa Vermelha e Sananduva.

Dentre os objetivos desta monografia, destaca-se o preenchimento de uma lacuna historiográfica referente à história dos Kaingangs no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do Século XX<sup>1</sup>. Ao fazer isso, esta pesquisa visa problematizar uma temática marcada por uma historiografia excludente, parcial e despreocupada com a complexidade dos processos históricos subalternos do colonialismo.

Ao fazer uma crítica ao modelo historiográfico que por muito tempo ignorou e silenciou os grupos originários na narrativa histórica, pode-se ressaltar os equívocos que incorreram os brancos (*fóg* em língua kaingang) ao lidar com os grupos indígenas, e as opressões que fizeram parte deste processo. Isso permitiu também, a partir da leitura das fontes, descrever as reações dos ameríndios que buscavam se afirmar como *índios* e rechaçar denominações pejorativas como *bugre*, além de agir em favor de seus interesses e, mesmo em contextos hostis.

Para não cair em uma visão de historicidade eurocêntrica<sup>2</sup>, esta pesquisa se apoia na noção

- 
- 1 BRAGA, Danilo. *A história dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: Do Silêncio, à reação, a reconquista e a volta pra casa (1940-2002)*. UFRGS, PPGHIST. Terra Indígena Serrinha, 2015.
  - 2 Para Carlos Eduardo Bao (BAO, Carlos Eduardo. *Italianidade como diferença: Identidade Étnica, Colonialidade e Imaginário Eurocêntrico*. Temáticas, Campinas, 23, (45/46): 209-230, fev./dez. 2015), o eurocentrismo é: “caracterizado, fundamentalmente, pela centralidade da Europa na narrativa histórica hegemônica e pelo dualismo que a constitui como o lócus positivo das experiências dos seres humanos, em oposição assimétrica ao arcabouço cultural de povos considerados “inferiores” e “carentes”, os subalternos do colonialismo e da



de que diferentes culturas possuem diferentes historicidades, e que o impacto do capitalismo não significou o fim das culturas indígenas<sup>3</sup>. Portanto a visão dos eventos pelos sujeitos tidos como “civilizados”, por si só, não dá conta de explicar a experiência ameríndia, mesmo quando em contato direto. Por isso este trabalho se propõe a analisar de forma crítica as fontes pesquisadas, para encontrar na documentação o que não está explícito. A metodologia do presente projeto foi, portanto, pensada de acordo com os pressupostos da escola dos *Analles*, e principalmente pelo método etnohistórico assinalado por Rojas.

O campo da etnohistória também é analisado por Lorandi, que aponta as diferenças e semelhanças entre esta e a antropologia histórica, duas disciplinas que, de certa forma, se misturaram para estudar o passado dos povos nativos das Américas:

Pero también es cierto que muchos historiadores se ocuparon de la misma temática adoptando el paradigma epistemológico de la antropología y, como consecuencia, ambos grupos de especialistas se articularon en torno a la dicha temática indígena constituyendo un campo con identidad académica propia.<sup>4</sup>

Em seu 'manual' de etnohistoria, o historiador espanhol José Luis Rojas admite a influência da escola dos Annales, ao estilo Febrve, utilizando uma matriz pluridisciplinar para contar a história dos seres humanos de forma mais ampla, incluindo a paisagem, a alimentação, a língua e as construções, de forma diacrônica. No texto, Rojas também apresenta um debate sobre técnicas de análise e crítica de fontes:

Es el historiador el que convierte el vestigio en fuente mediante su interpretación. Planteándole preguntas a partir de determinadas hipótesis (que no necesitan tener ninguna base documental), el historiador obliga a la fuente a revelar su información. [...] De aquí se sigue que mientras el objeto-fuente es algo fijo, la misma fuente puede desvelar unas informaciones distintas y posiblemente contradictorias. (Kragf 1989: 159)<sup>5</sup>

---

“modernidade”.”

- 3 SAHLINS, Marshall. *Cosmologias do Capitalismo; & Iluminismo Antropológico*. In: *Cultura na Prática*, Editora UFRJ, 2004.
- 4 LORANDI, Ana María. *¿Etnohistoria, Antropología Histórica o simplemente Historia?* Memoria Americana 20 (1), enero-junio 2012: 17-34 p.20
- 5 ROJAS, José Luis de. “La etnohistória de América. Los indígenas, protagonistas de su historia”. SB: Buenos Aires, 2008. p.56

Do livro de Rojas, foram retiradas as metodologias e critérios<sup>6</sup> de classificação que fundamentaram a análise das fontes. Essas tratam-se de jornais, fotografias e cartas produzidas por freis capuchinhos entre os anos de 1896 e 1910. As últimas são relatos diretos sobre a perspectiva dos freis e suas ações e intenções no contato com os indígenas, especialmente as escritas pelo frei Bruno de Gillonay; enquanto que as matérias são de dois jornais publicados pelos capuchinhos em 1909 e 1910: *Il Colono Italiano* e *La Libertà*<sup>7</sup>; no começo, impresso em Caxias do Sul e logo depois em Conde D'Eu (Garibaldi). Estas fontes trazem relatos por vezes primários e em outras secundários de autoria de: padres, o professor dos indígenas e diversos pseudônimos.

Para analisar historicamente as fontes da imprensa, é necessária uma leitura crítica das mesmas, de forma a entender que o texto e o discurso ocupam "uma posição sócio-histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis e o conteúdo apresentado está visceralmente ligado ao seu tempo."<sup>8</sup>. Desse modo, a compreensão do contexto histórico em que está inserida a fonte jornalística permite perceber a sua "inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica."<sup>9</sup>

Essa monografia busca evidenciar os indígenas na narrativa histórica, e para isso, pensar em suas ações como portadoras de intenções e visões de mundo, distintas daquelas que produziram as fontes analisadas. Por isso é fundamental uma crítica que saiba apontar os silêncios e amplificar as poucas vozes ameríndias que surgem nos documentos. Segundo José

---

6 ARÓSTEGUI, Julio. *La investigación histórica: Teoría y Método*. Barcelona, Crítica, 1995. apud ROJAS, 2008. p.56-60

7 O JORNAL: O Pe. Carmine Fasulo fundou em 13 de fevereiro de 1909, em Caxias do Sul, o jornal *La Libertà*. Dificuldades ameaçavam a vida do jornal, foi então que por iniciativa de vários sacerdotes e aprovação eclesiástica, o Pe. Giovanni Fronchetti, coadjuvado pelos Padres Capuchinhos e por dois bons católicos, Dr. Adolfo Moreau e Giovanni Carlotto, comprou o jornal e o transferiu para Garibaldi. O nº45 já foi editado na nova sede e com a nova direção no dia 15 de janeiro de 1910. Ao completar o primeiro ano de circulação teve o nome alterado para *IL COLONO ITALIANO*. (CLEMENTE, Elvo e UNGARETTI, Maura. *História de Garibaldi: 1870- 1993*. EDIPUCRS, 1993 p.55). O jornal impresso pelos capuchinhos também teve outros nomes como *La Stafetta Riograndense* e *Correio Riograndense*, sendo o último impresso até poucos anos atrás, em Caxias.

8 SOSA, Derocina Alves Campos. *A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007, p. 14

9 CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria do Rosário. *Na oficina do historiador: Conversas sobre história e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007. p.257

Otávio Catafesto<sup>10</sup>, essa é a realidade dos etnocentrismos com a qual deve estar habituado o etnohistoriador.

Para esta tarefa, - identificar estas vozes e saber fazer as perguntas certas - é preciso estar a par do que já foi escrito sobre a história dos Kaingang do Rio Grande do Sul. A bibliografia principal consiste em trabalhos que discutem o contato entre os Kaingang e os imigrantes durante o período de colonização. Sobre o papel e localização das lideranças Kaingang nos séculos XIX e XX, utilizamos a extensa pesquisa de Laroque (2006; 2001); sobre os contatos entre indígenas e colonos italianos temos a dissertação de mestrado da Soraia Dornelles (2011) e sobre os processos de aldeamentos na região nordeste do Rio Grande do Sul nos referenciamos a Sandor Bringmann (2010); sobre os indígenas na imprensa riograndense no início da República, o trabalho de Rodrigues (2004); e é necessário se referir a dissertação do Kaingang Danilo Braga (2015), que trata da luta dos Kaingang pela terra no RS.

A problemática que guiou a escrita desta monografia foi pensar quais eram os interesses dos povos ameríndios em um contexto muito precário, em que o estado incentivava uma política de expropriação de terras e de utilização da mão-de-obra indígena. Outra questão importante foi pensar a atuação e o protagonismo dos personagens dessa história, que são os líderes Kaingangs Faustino e Fortunato e alguns religiosos, como Bruno de Gillonay e Enrico Poggi, além do colono Ricardo Zeni. Durante a pesquisa, surgiu ainda uma outra questão relevante na atualidade, que é pensar como os Kaingang afirmavam seus direitos como povos originários, frente às diversas investidas “civilizadoras”, e como eles jogavam com os etnônimos em voga na época, para tal fim.

Algo que considero importante de ressaltar nesta introdução são as mudanças que ocorreram durante a realização da pesquisa. Quando comecei, buscava apenas encontrar a presença dos indígenas, já que não tinha tomado conhecimento sobre isso neste recorte histórico. Quando me debrucei sobre as fontes e as metodologias, percebi que apenas a "presença" do indígena nas fontes históricas não é suficiente para escrever uma *história indígena*. Logo tratei de buscar traços de "resistência" dos Kaingangs. Mas a verdade é que, desde o final do século XIX até a segunda metade do XX (salvo engano), o conceito de "resistência" , como comumente

---

10 SOUZA, José Otávio Catafesto de . *A pesquisa de fontes da etnohistória indígena do Rio Grande do Sul: notícias prévias*. Veritas (Porto Alegre) , Porto Alegre, v. 36, n.143, p. 413-422, 1991. p.415

usamos, fica difícil de ser aplicado para o contexto dos Kaingangs no RS. Não há dúvidas que houve conflitos e que os indígenas sempre defendiam seus interesses da maneira que podiam, mas a inserção da 'sociedade nacional' no norte e nordeste do estado durante esse período solapou muito as formas tradicionais de "resistência". Podemos pensar que a grande "resistência" dos Kaingang nesse período foi a sua própria *existência* como indígenas, contrariando intelectuais, religiosos e a sociedade num geral, que mantinham a crença de que as culturas ameríndias desapareceriam logo que as "benesses da civilização" os achassem.

Por um lado, as culturas ameríndias não desapareceram nesse contato, e por outro as "benesses da civilização" chegaram para muito poucas pessoas nesse contexto. Com certeza a expansão colonial provocou mudanças bruscas e dramáticas no modo de vida dos Kaingang, em especial quanto ao território e à mobilidade com que viveram por séculos. A organização interna também foi afetada, principalmente no contato com militares no século XIX, e com os chefes de postos do SPI no século XX.

Além de dialogar com as fontes e com a bibliografia, parte do processo de elaboração desta pesquisa foi estabelecer vínculos entre o passado e o presente da presença Kaingang no nordeste do Rio Grande do Sul, principalmente ao sul desta região, onde observa-se nas últimas décadas o retorno de grupos Kaingangs e o estabelecimento de aldeias próximas às cidades de Farroupilha, Lajeado e Estrela.<sup>11</sup> Para pesquisar sobre o passado, quando seus traços estão apagados, algumas vezes foi necessário recorrer ao presente, traçar continuidades, e principalmente constatar a permanência das culturas originárias, que se mantiveram vivas de alguma forma nos personagens da narrativa aqui apresentada, assim como se mantém viva entre os Kaingang de hoje.

No primeiro capítulo, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a pré-história e história dos Kaingangs no Rio Grande do Sul, especialmente aprofundada a partir do século XIX. Esse século marca o começo ocupação do território indígena do planalto pelas frentes colonizadoras, e também é o período de grande atuação dos caciques Coroados, além da conformação de diversos

---

11 Para ler sobre estas aldeias urbanas ver: INVERNIZZI, Marina. *Historicidade Kaingang na Terra indígena Pó Nãnh Mág, em Farroupilha/RS*. UNIVATES, Curso de Licenciatura em História. Monografia: 2015; Idem. *Kaingang em territórios da bacia hidrográfica do Taquari-Antas e Cai, Rio Grande do Sul: relações socioculturais e ambientais*. UNIVATES: Dissertação de Mestrado, 2017; e SILVA, Juciane B. S. *Territorialidade Kaingang: Um estudo histórico da Aldeia Kaingang Linha Glória, Estrela-RS*. UNIVATES. Monografia: 2011

aldeamentos. Concomitante a isso, a chegada de quase 70 mil colonos alemães e um número ainda maior de italianos até o início do século XX, provoca mudanças drásticas no meio ambiente e nas relações sociais dos Kaingangs.

Depois, no segundo, tratamos das formas que se deram o esbulho de terras indígenas ditas “devoultas”, os aldeamentos e os contatos que ocorreram entre italianos e Kaingangs. Também apresenta uma revisão bibliográfica sobre esse período e trata das fontes pesquisadas, contextualizando-as, e apresentando alguns personagens importantes que surgem nos textos da imprensa da colônia italiana, e que interagem de alguma forma entre as duas culturas, indígena e católica.

Esses personagens aparecem em forma de textos que possuem diversos pontos de vista, que são mais analisados no terceiro capítulo. Neste, são apresentadas as duas principais narrativas presentes nos jornais pesquisadas: os relatos do frei Enrico Poggi e de pseudônimos sobre 'costumes' dos índios; e a narrativa da 'visita inesperada' de Fortunato Doble à Garibaldi (Conde D'Eu). Ambas narrativas trazem características históricas das representações que faziam dos indígenas os colonos e os freis; e principalmente, a partir do método etnohistórico, perceber as intencionalidades dos Kaingangs em um contexto em que seus territórios estavam sofrendo esbulho para serem divididos em lotes e distribuídos a colonos.

## CAPÍTULO 1 : OS KAINGANG NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL ATÉ O SÉCULO XIX

### 1.1: Presença indígena na Serra e nos Campos de Cima da Serra no período anterior ao contato

Para pensar a história de um período anterior à chegada de europeus no continente sul americano, e conseqüentemente, um período a qual não há fontes escritas, o pesquisador deve buscar vestígios de outros tipos. Nessa área, a arqueologia *é um dos aliados mais destacados da etnohistoria*<sup>12</sup>. Através das pesquisas e escavações se têm conseguido estudar a ocupação humana na Serra e nos Campos de Cima da Serra; e não só isso, mas também afirmar que existiram práticas políticas, sociais, culturais e econômicas nestes locais. É importante incluir estes estudos justamente para contrapor uma visão, que por muito tempo, desconsiderou a presença das culturas humanas anteriores à chegada de europeus e seus descendentes além de enfatizar a ancestralidade da relação dos Kaingangs com as paisagens do planalto.

Os estudos apontam justamente na interação entre os seres humanos e os espaços naturais da serra e dos campos de cima, que tem sua paisagem marcada pela presença das matas de araucárias, enormes pinheiros que fornecem, na época do inverno, um alimento de fácil acesso e alto valor nutritivo.

Estudos arqueológicos realizados desde a década de 60 no planalto sul brasileiro escavaram diversos sítios arqueológicos, como "conjuntos de estruturas escavadas no solo (popularmente denominadas de casas), sítios de estruturas circulares em alto relevo, sítios líticos e litocerâmicos superficiais, além de outras edificações como depósitos de terra, aterros, montículos funerários, galerias e muros de terra."<sup>13</sup>

Segundo, salientamos os múltiplos usos das estruturas encontradas; as casas subterrâneas forneciam um abrigo seguro para o inverno frio e úmido do planalto, e a retirada de terra permitia a construção de outras estruturas, chamadas "montículos", que especula-se que tinham funções rituais e de enterramento. Algumas dessas funções podem ser ligadas a relatos de viajantes, como

---

12 ROJAS, op. cit. p.47

13 COPE, Silvia Moechlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. *Estud. av.*, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 149-171, Apr. 2015. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142015000100149&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000100149&lng=en&nrm=iso)>. access on 16 June 2019.

Mabilde, que descreve sua visita a um desses montículos de terra, onde estava sepultado um líder coroado em meados do século XIX.<sup>14</sup>

Para compreender melhor a história destas culturas, é importante também percebê-las como culturas que mantêm uma relação com a paisagem muito distinta das ocupações de outros grupos, como guaranis, pampeanos e também portugueses, espanhóis, paulistas e colonos europeus. Também é importante salientar que

os espaços e as paisagens criados por grupos indígenas não são e nunca foram estáticos, uma vez que se tratam de contextos multiétnicos, onde o espaço foi constantemente (re)elaborado e (re)significado a partir de uma dinâmica espacial e temporal caracterizada por cada grupo que vivenciou a região (REIS, 2002; SALDANHA, 2005; SCHMITZ, 2002)<sup>15</sup>

Para finalizar este subcapítulo, retorno ao trabalho de mestrado do Kaingang Danilo Braga, em um breve trecho em que ele analisa a relação dos estudos arqueológicos com os estudos etnohistóricos da população jê no sul do Brasil:

Para Kern (1991), os dados obtidos pela arqueologia e pelos estudos etno-históricos sobre os grupos de fala Jê são as evidências de que eles ainda habitam toda imensa área ao sul do Trópico de Capricórnio. Tais dados permitem a reconstituição de seu modo de vida, mesmo reconhece a existência de muitas lacunas que novos estudos podem, quem sabe, mais tarde, nos responder. Notamos que ainda existe muito por pesquisar em arqueologia e revelar a história Kaingang novos elementos que venham enriquecer nosso conhecimento do passado indígena.<sup>16</sup>

## **1.2: As frentes de expansão no período colonial**

Os povos do planalto do sul do Brasil desenvolveram sua cultura por milhares de anos, entrando em contato com outros grupos indígenas como os tupi-guarani e os pampeanos, desenvolvendo relações distintas. A partir do século XVI, a chegada do elemento europeu no

---

14 D'Angelis, Wilmar. *Mabilde e seus "Apontamentos" sobre os Coroados*. 2006 p.14

15 SILVA, & BARCELOS, op.cit. p.72

16 BRAGA, op. cit.. p.32-33

planalto gerou um impacto nas estruturas dos grupos, e os obrigou a reestruturações internas.

O primeiro impacto colonial nessa região foi o das bandeiras paulistas, que adentravam os sertões ainda não conhecidos pelos portugueses para aprisionar indígenas, e posteriormente vendê-los como escravos em São Paulo. Os bandeirantes seguiram caminhos já conhecidos, em busca, principalmente, dos aldeamentos dirigidos pelos jesuítas. Na área que abrange o estado do Rio Grande do Sul, haviam as missões do Tape, que foram atacadas por bandeiras durante o século XVII. Em suas expedições do litoral para o interior, os bandeirantes encontraram e atacaram diversos grupos indígenas do planalto, denominados Caáguas, Guayanases e Ibiraiáras<sup>17</sup>.

Além do portugueses e paulistas, os povos do planalto também mantinham contato com os guaranis habitantes das missões jesuíticas. Sobre a influência das missões no território Kaingang, podemos citar algumas pesquisas que tratam sobre a Vacaria dos Pinhais, “frequentemente apresentada como a única intervenção dos jesuítas e dos guaranis das reduções no espaço dos Campos de Cima da Serra.” Essa citação se encontra no artigo de Silva e Barcellos, que trata da ocupação desses campos a partir da crítica ao conceito de “Espaço Vazio”<sup>18</sup>, que foi muitas vezes utilizado para incentivar políticas de colonização de áreas ocupadas por povos originários.

Na Vacaria dos Pinhais também viviam os botocudos, e sobre esse assunto há o livro de Lauro Pereira da Cunha, intitulado “Índios Botocudos nos campos de cima da Serra (RS)”. Neste livro, o autor faz uma extensa pesquisa em documentação dos municípios integrantes dessa região em busca de traços de outro grupo Jê que habitava o planalto meridional principalmente nas encostas da Serra. No segundo capítulo: “Século 18: As frentes pastoris sobre o território Jê”<sup>19</sup>, o autor trata do impacto que a criação de gado na "Vacaria dos Pinhais" teve nos grupos indígenas, que hoje se são chamados de Kaingangs e Xokleng. Este grupo constituía uma coletividade distinta daquela dos Coroados, com quem faziam constantes guerras.

Sobre as tentativas de estabelecimento de missões religiosas no planalto, voltamos ao texto de Silva e Barcellos. Os autores afirmam que a imagem criada pelos jesuítas e por viajantes

---

17 Etnônimos retirados de um mapa Etnohistórico do RS de 1751, encontrado na mapoteca do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

18 SILVA, A. F. ; BARCELOS, op. cit. p. 63-80.

19 CUNHA, Lauro Pereira da. *Índios Botocudos nos campos de cima da Serra*. Evangraf, Porto Alegre 2017. p.53-109



sobre os Jês consistia em uma comparação depreciativa com os guaranis. Para aprofundar essa dualidade, recorrente na história colonial do Brasil, devemos recorrer ao texto clássico de John Monteiro: *Tupis, Tapuias e Historiadores*. Os autores Silva e Barcellos afirmam que as fontes historiográficas ignoram os fracassos da cristandade ocidental, atribuindo esta à *má-indole* dos indígenas não-guaranis.

Para entender esse período na perspectiva da nova história indígena no sul do Brasil, utilizando o conceito de “fronteira tripartida<sup>20</sup>”, Eduardo Neumann analisa a fronteira meridional do império português e espanhol considerando os indígenas como agentes desse espaço. Não apenas portugueses e espanhóis disputavam estes territórios, inclusive com guerras, como também os guaranis missioneiros e os grupos do planalto e dos pampas.

### 1.3: Os indígenas e o Estado no século XIX

Em meados do XVIII, a província de São Pedro foi marcada pelas guerras guaraníticas, que resultaram na dispersão de muitos guaranis por vários lugares do estado, e podemos mencionar aqui a fundação da Aldeia dos Anjos com egressos das missões. Com o “abandono” das missões pelos seus habitantes, alguns territórios se tornaram disponíveis para os grupos Kaingangs.

A ocupação do planalto aumenta significativamente no início do século XIX, então, as autoridades colonial declaram “guerra justa” aos jês do planalto, com o intuito de liberar os “sertões” para a colonização. Como afirma Maria Celestina de Almeida,

Todas [práticas do Estado] visavam a um mesmo fim: a ocupação das terras indígenas e a transformação de seus habitantes em cidadãos eficientes e trabalhadores para servir ao novo Estado. A chegada da corte ao RJ, em 1808, e a declaração de guerra justa aos botocudos, e posteriormente aos kaingangs, não significaram profundas rupturas em relação a políticas anteriores.<sup>21</sup>

---

20 NEUMANN, Eduardo. S. A fronteira tripartida: a formação do Continente do Rio Grande –século XVIII, In: GRIJÓ, Luis Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004a. p.25-46)

21 ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010. IHGB-PR. 2018. p.142 p.142

Como é colocado por Almeida, as ações do estado durante o século XIX foram na direção de ocupar os “espaços vazios”<sup>22</sup>. Essas ações foram executadas na forma de leis, que buscavam através da catequização ou da “guerra justa”, reduzir o espaço ocupado pelos povos indígenas com missões e aldeamentos, declarando essas como “terras devolutas”, que pertencem ao estado e estariam prontas para serem ocupadas por colonos e fazendeiros:

Neste contexto se pode compreender as novas legislações – o Regulamento das Missões (1845) e a Lei de Terras (1850) – que surgiram quase concomitante podendo ser consideradas um conjunto articulado no mesmo sentido e direção, da exploração da terra e do trabalho indígena e nacional para a "civilização" do país.<sup>23</sup>

Essas leis possibilitaram um processo de aprofundamento da exploração da terra e das pessoas indígenas em muitos lugares do país, porém não devem ser pensadas isoladamente, pois faziam parte de um processo de constituição nacional. Outro aspecto desse modelo de estado nação, inspirado nos estados europeus da época, era a construção de “um povo”, conceito que muitas vezes tinha um forte teor racista. O incentivo à imigração de europeus por parte do estado brasileiro, em “terras devolutas”, divididas em lotes e negociadas com condições favoráveis, era também parte deste processo, que priorizava e facilitava a propriedade privada da terra pelos imigrantes europeus enquanto reduzia o território e a autonomia dos povos originários.

Nesse contexto, os capuchinhos são envolvidos no “projeto civilizatório”, de acordo com o Decreto 285, de 24 de junho de 1843, que autorizava o governo a contratar capuchinhos italianos e distribuí-los entre as Províncias em missões indígenas.. Como as fontes utilizadas nesta monografia foram produzidas por membros desta ordem religiosa, poderíamos pensar que se trata de uma continuidade do projeto iniciado com a lei de 1843. Para entender melhor, remeto

---

22 SILVA e BARCELLOS, op. cit. p.69

23 MATTOS, Izabel Missagia de. *O indigenismo na transição para a república: fundamentos do SPILTN*. IN: Memória do SPI. Textos, imagens e documentos sobre o serviço de proteção aos índios (1910-1967). Freire, Carlos A. R. (org.). Museu do Índio-Funai, Rio de Janeiro. 2011 p.159

a uma das justificativas que frei Bruno de Gillonnay<sup>24</sup> escreve em uma de suas cartas<sup>25</sup>, dizendo que a “missão poderia continuar para o rio grande as gloriosas tradições de nossa ordem, como nossos pais no Brasil sempre fizeram na catequese e civilização desses selvagens.”

Na mesma carta, porém, frei Bruno afirma que não é possível ter um *missionário para esta obra, sendo escolhido um catequista secular*. “É que nessa época, acabava de ser emanado um decreto-lei federal, em virtude do qual se laicizava a instrução e educação dos indígenas e se excluía toda a catequese de cunho religioso”<sup>26</sup>. A época a que se refere é da criação do SPI, em 1910, e o início da sua atuação no ano seguinte. Portanto, a análise das fontes desta monografia revela uma “ruptura” com o projeto iniciado em meados do século XIX, que substituiu o trabalho religioso dos capuchinhos italianos pelo dos agentes dos governos provinciais e, a partir de 1910, do SPILTN. Como fica evidente, essa ruptura não foi de um dia para o outro, pois mesmo com a proibição, veremos que os capuchinhos ainda se dedicaram à catequese dos indígenas, mesmo de forma indireta<sup>27</sup>.

Voltando ao século XIX, o Rio Grande do Sul é o local onde chegam milhares de imigrantes alemães a partir de 1824. Estes se estabelecem nas zonas próximas de São Leopoldo, fundando diversas comunidades que avançavam em direção à encosta da serra, ocupando primeiramente os vales do Caí e do Sinos. Durante a revolução farroupilha, esse processo foi suspenso, voltando após 1845, quando foram fundadas colônias como Feliz, Mundo Novo e Bom Princípio, ao norte de São Leopoldo, já alcançando as escarpas da Serra. Os colonos instalados

---

24 Frei Bruno de Gillonnay foi um frade capuchinho francês, que chega ao Brasil em 1896, e entra em contato com os kaingangas a partir de novembro de 1903 (GILLONNAY, Bruno de. *Igreja e os Capuchinhos no Rio Grande do Sul (1895- 1909): Correspondências de Frei Bruno de Gillonnay*. Porto Alegre, EST, 2007. p.276-277). Em 1909, manda relatórios para o presidente da Província, Dr. Carlos Barbosa sobre os indígenas, advogando pela catequese dos mesmos: “[...] acredito que poderemos obter excelentes resultados nas seguintes condições: a) Os índios mesmos pedem ao Governo reconhecer-lhes como propriedade uma área de terra que sempre ocuparam, situada entre o rio Carazinho, a leste, e o Rio Lajeado, a oeste..” (GILLONNAY e D'APREMONT, op. cit. p.73). Em 1910-1911, segundo o Dr. Eldípio Fialho (1969. Fundo Bruno de Gillonnay, Museu dos Capuchinhos), ele "empreendeu viagem a cavalo a fim de fazer *levantamento dos toldos*", e segundo o mesmo autor, passou pelos Campos de Lagoa Vermelha, matos de Cacique Doble, Toldo do Rio Ligeiro, Erechim, Toldo do Cacique Capoerê e "tentou, enfim, alcançar o toldo de Nonoai". Também teria elaborado um "extenso relatório", que não foi encontrado na pesquisa.

25 Museu dos Capuchinhos, Fundo Frades: Bruno de Gillonnay, 30/12/1909

26 D'APREMONT, Bernadin; GUILLONNAY, Bruno de. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul, por Bernardin D'Apremont e Bruno de Guillonnay*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976. p.257

27 Para ver mais sobre a ação dos Capuchinhos durante o século XIX, ver: MATTOS, op. cit. p.158-162

principalmente na região limítrofe com o planalto vão sofrer contínuos ataques dos Coroados - como eram chamados os Kaingang na maior parte do século XIX.

O conflito gerado pela pressão da colonização nos territórios ocupados pelos Coroados foi tema de diversos discursos e debates nas instâncias de poder. Bringmann e Nötzold retratam como se constituiu o discurso do estado sobre os indígenas. Suas análises em documentos do governo apontam que os Kaingang eram considerados, ora “*selvagens, indolentes e ferozes*”, ora “*entes errantes a espera da luz do cristianismo*”, e como essa visão se contrapunha aos “*colonos geradores de riquezas*”<sup>28</sup>. Mais do que isso, essa visão resultou em políticas públicas e leis que transformavam o território indígena (Ver Figura 1) em “terras devolutas”, enquanto facilitava o acesso a propriedade de terra para os imigrantes alemães e italianos que chegaram.

Nesse período, é fundamental estudar a atuação dos indígenas, porque suas ações frente ao estado e aos colonos moldaram a história posterior. Segundo Tommasinno e Almeida, os Kaingangs “se enquadravam enquanto uma sociedade da abundância, tal como preconizada por Sahlins para os povos caçadores-coletores<sup>29</sup>”, a forte influência dos caciques e subcaciques (*Pã'y* e *Pã'y mbâng*) nas comunidades, congregada com a tendência para formação de laços de cunhadagem (*jangré*), entre eles e os *outros* – sejam guaranis, botocudos, brasileiros, alemães, italianos ou freis franceses – são características *estruturais* sobre as quais se fez a ação histórica dos indígenas.

#### **1.4: Atuação dos caciques no nordeste do Rio Grande do Sul no século XIX: João Grande, Braga e Doble.**

Para o período de meados do século XIX, temos fontes que descrevem diretamente a atuação dos caciques Coroados, sendo a mais utilizada pelos historiadores aquela escrita por Alphonse Mabilde, belga que foi engenheiro agrimensor das Colônias entre os anos de 1848 a

---

28 BRINGMANN, Sandor F.; NÖTZOLD, Ana Lúcia V. *O que fazer com os bugres? Discursos sobre a civilização e a catequese dos Kaingang no Rio Grande do Sul do século XIX*. Mnemosine Revista, Volume 1, N. 2, Jul/Dez 2010 p.17-19

29 TOMMASINNO, Kimiye & ALMEIDA, Ledson Kurtz de. *Territórios e territorialidades Kaingang: A reinvenção dos espaços e das formas de sobrevivências após a conquista*. DOSSIÊ – ESTUDOS SOBRE AS SOCIEDADES JÊ (KAINGANG E XOKLENG) NO SUL DO BRASIL: 2014. p.21

1854<sup>30</sup>. Outras fontes importantes são os relatos de presidentes da província e correspondências oficiais, onde estão registradas visitas dos caciques à Porto Alegre, ações no sentido de perseguir e aldear as lideranças resistentes, além de muitos relatos de ataques, ou *correrias*, dos Coroados.

Importante ressaltar, que muitos relatos que tratam desse período ignoram a complexidade das ações dos sujeitos indígenas. Por isso, é fundamental ponder conceitos como ‘colaboração’ e ‘resistência’ a luz de uma interpretação que leve em conta as lógicas próprias das sociedades ameríndias. Para essa reflexão, trago os trechos abaixo:

Embora tenha tido sua atuação vista como colaboracionista, principalmente pela historiografia que tinha como foco a atuação dos não indígenas, as fontes analisadas são capazes de informar muitas atitudes que destoam de tal interpretação.<sup>31</sup>

Dessa forma a presença dos índios no registro acaba por si só justificando uma análise mais preocupada em descrever o evento ou seus personagens, ignorando a complexidade que está por trás da produção do relato e das atuações e escolhas que motivaram os sujeitos envolvidos.<sup>32</sup>

Tendo isso em mente, podemos revisitar a história de três caciques que atuavam na região nordestina, Braga, Doble e João Grande. A partir da bibliografia pesquisada, percebe-se que suas histórias estão interligadas por diversos momentos, e os eventos que ocorreram em meados do século XIX definiram os rumos da história para muito além dos grupos indígenas.

Laroque nos traz uma descrição completa dos eventos que levaram à ruptura do cacique subordinado (Pã'y) Doble com seu principal (Pã'y mbâng) Braga, em 1837. Esse relato feito por Mabilde,<sup>33</sup> trata-se da descrição da festa que comemorava uma correria a uma comitiva de

---

30 “Seus escritos foram parcialmente publicados (post mortem) em um Anuário do Rio Grande, em 1897 e 1899. Finalmente, reunidos e sistematizados por duas bisnetas, foram publicados, como livro, em 1983. Principalmente desde então, os Apontamentos de Mabilde passaram a ser citados, quase sempre acriticamente, como descrição “objetiva” da cultura e sociedade Kaingang.” (D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Mabilde e seus "Apontamentos" sobre os coroados selvagens: tentando separar informação de mistificação e preconceitos*. p.1) Este artigo de Wilmar D'Angelis problematiza algumas afirmações do engenheiro belga, contestando, por exemplo, que ele tenha sido prisioneiro dos Coroados por dois anos.

31 DORNELLES, Soraia Sales. *De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX*. UFRGS – PPGHIST: 2011 p.73

32 SANTOS, Maria Cristina dos. e FELIPPE, Guilherme Galhegos. *Protagonismo como Substantivo na História Indígena*. In: *Protagonismo Ameríndio de Ontem e Hoje*. Jundiaí, Paco Editorial, 2016. p.26

33 O relato termina assim: “A festa foi perturbada por uma peleja sanguinolenta em que o novo cacique **Doble**

tropeiros na estrada que ligava os Campos do Meio com os de Passo Fundo. Esse ataque havia sido praticada pelo grupo liderado pelo cacique principal Braga, e teve como resultado, a morte de dois tropeiros e um negro escravo, bem como o saque de materiais que interessavam aos indígenas e a destruição do restante.

Sem dúvidas, o engenheiro havia percebido que os episódios que se seguiram àquele assalto trouxeram conseqüências, até mesmo, estruturais para aquele grupo indígena e, por sua vez, à própria história da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.<sup>34</sup>

Após a traição do cacique subordinado (Pã'y) Doble, Braga declarou “guerra de vingança e extermínio” aos subordinados de Doble, o que fez com que estes vagassem pela região sem um acampamento permanente. O cacique principal (Pã'y mbâng) também detinha grande prestígio dentre os Coroados, possuindo número muito maior de tribos subordinadas<sup>35</sup>. Desse modo, as lógicas internas dos Coroados, a pressão territorial da frente colonizadora e o prestígio de Doble entre os seus, fizeram com que ocorresse o levante deste contra o cacique principal. Esse episódio histórico marcou profundamente as dinâmicas dos kaingang na região nordeste a partir daquele momento. Como destaca Dornelles, a memória dessa ruptura ainda persiste nos descendentes dos envolvidos.

Como aponta Dornelles, para o grupo de Doble a situação tinha ficado mais complicada, pois além das inimizades com os grupos de Nonohay, e historicamente com os botocudos, eles estavam sendo perseguidos pelo extenso grupo de Braga. Nesse momento, o cacique Doble (Yotoahê)<sup>36</sup> se aproxima das autoridades, que já vinham oferecendo os aldeamentos para os

---

perdeu quase metade de sua gente e perturbou a paz que, até aquele momento, existia entre aquelas tribos que ficaram, desde aquele momento, divididas em dois cacicados: um, do cacique Braga e outro, do **cacique Doble** que se erigiu em cacique principal dos iludidos derrotados” (Mabilde, 1983, p.159-162, grifos nossos)” Apud. LAROQUE, Luis Fernando da Silva. *Lideranças Kaingang no Brasil Meridional(1808-1889): uma história que também merece ser contada*. UNISINOS, 2000. p.133-134

34 DORNELLES, op. cit. p.74-75

35 Quando o cacique Braga aceitou aldear-se, em 1850, contava com 19 das antigas 23 tribos subordinadas que havia possuído em períodos anteriores. (Ibidem p.77)

36 “O primeiro desses chefes tinha o nome nativo grafado por *Yotoahê, Yu-to-ahê e Iu-toahê*, mas também era chamado pelo nome branco de *Doble, Dobre ou Dovre*. Supomos que essas várias nomações e/ou renomações podem ter ocorrido por causa de duas possibilidades: uma delas em decorrência da confusão sobre o nome da referida liderança feita nos registros dos seus contemporâneos brancos da época, e a outra, devido à própria tribo ter-lhe atribuído mais de um “jiji há” ou “jiji korég”, assim como deve ter acontecido com *Fongue e Nicafim*, que explicamos anteriormente” (LAROQUE, op. cit. p.132-133)

grupos de Coroados que ainda andavam soltos na mata. A relação do cacique Doble com os aldeamentos merece uma atenção maior, por ser constitutiva do contexto e da historicidade dos sujeitos indígenas que surgem nesta pesquisa.

Dornelles aponta o estreitamento das relações do cacique Doble com os brancos como uma ação deliberada deste, que necessitava de novos aliados, já que tinha rompido com seu principal:

Assim, acochado pelo grupo de Braga, bem como pelos já antigos inimigos, o cacique Doble encontrou no aldeamento uma forma de preservar a si e seus subordinados, “o que fez contra a vontade, porém forçado pelas circunstâncias. Apresentaram-se, sempre em pequenos grupos, mansamente, aos moradores de Vacaria, Campo do Meio e Passo Fundo, indo para os lugares que lhes foram indicados pelo governo provincial” (Mabilde, [1897-99] 1983: 164).<sup>37</sup>

No ano de 1850, o grupo do cacique Braga se encontrava aldeado no Campo do Meio, e demonstrou para seu interlocutor Mabilde que ainda guardava ressentimentos com seu antigo subordinado. É interessante perceber que Braga está assentado no aldeamento oficial, enquanto que o grupo de Doble permanece vagando pelas florestas, apenas *na iminência de aldear-se*:

O último encontro do agrimensor com o cacique Braga ocorreu em 1850, quando este parecia ter tido “sua animosidade e ódio” contra os brancos aumentada, justamente porque seu grande inimigo havia angariado “conceito entre nossa gente” e também porque permanecia nas matas com suas tribos, enquanto ele estava aldeado. Sempre foi uma condição do cacique Braga “de nunca estarem nas imediações do lugar onde estivesse vivendo o seu traidor Yu-toahê, atual cacique Doble. Nunca quiseram voltar à antiga amizade, não obstante os empenhos que fazia, mais tarde, o cacique Doble para reconciliar-se com o cacique Braga”.<sup>38</sup>

Como já vimos, a política do estado era a de *reduzir* o espaço dos indígenas para a colonização nas “terras devolutas”. No Rio Grande do Sul, essa política consistia em aldear todos os grupos Coroados em Nonoai, no norte do estado, e está presente em diversos relatórios e

---

37 DORNELLES, op. cit. p.79

38 Mabilde, [1897-99] 1983: 164 Apud DORNELLES, op. cit. p.78

correspondências oficiais da época. Afinal, a ruptura entre Braga e Doble serviu como um empecilho para a concretização deste plano, pois ambos se recusaram a se estabelecerem no mesmo local, gerando novos acordos entre os representantes da província e os caciques.

Segundo Nötzold e Bringman, a partir de 1848 o cacique Doble também sinaliza querer se estabelecer em um aldeamento. Porém, impôs a condição de estar ora no Pontão (município de Vacaria), ora no Campo do Meio (município de Lagoa Vermelha). De acordo com os mesmos autores, essa tática dava a liberdade para o cacique Doble continuar a vagar pelos matas, praticando suas correrias nas colônias, nas fazendas e contra grupos inimigos, principalmente contra aqueles que se estabeleciam nos aldeamentos<sup>39</sup> Segundo Laroque,

A tribo do Cacique Doble [...] tinha feito um tratado de assistência com o governo e servia de certo modo para proteção contra tribos inteiramente selvagens. Por essa assistência com o governo e servia de certo modo para proteção contra tribos inteiramente selvagens. Por esse motivo, vinham muitas vezes à capital onde eram presenteados com roupas, fazendas, utensílios culinários e instrumentos agrícolas.<sup>40</sup>

Entre os termos do tratado de assistência de Doble com o governo, estava a perseguição de outros grupos coroados que ainda vagavam pelas matas praticando correrias; porém o cacique e seu grupo também faziam seus assaltos. Desse modo, o comportamento de Doble em diversas situações fez com que as autoridades o considerassem muitas vezes *dissimulado e perverso*, e outras *inteligente*, como consta no título do artigo de Bringmann e Nötzold a que nos referimos; porém seu protagonismo foi fundamental na manutenção de alguns territórios para seus descendentes.

Segundo Laroque, o cacique Doble teria como território originário a região de Morro Grande, pertencente ao município de Caxias do Sul. No mapa publicado na sua tese de mestrado (Figura 1), veremos como o Campo dos Bugres é um território quase nos limites meridionais dos territórios kaingang em meados do século XIX. Na região ao sul deste território, era a área do

---

39 NÖTZOLD, Ana Lucia Vulfe ; BRINGMANN, Sandor Fernando . *Inteligente, Dissimulado ou Perverso? O cacique Doble na visão das autoridades provinciais sul-rio-grandenses (Século XIX)*. Cadernos do CEOM (UNOESC) , v. 1, p. 17-39, 2010. p.23

40 LAROQUE, op. cit. p.137



cacique Nicué, como aponta Laroque<sup>41</sup>:

Em período bem anterior ao ano de 1850, *Nicué* já era um dos Chefes Subordinados ao Cacique Braga e possivelmente morava com sua subtribo que liderava entre os rios dos Sinos e Caí, porque, segundo Mabilde (1898, p.27), ao sudeste do território que ficava entre os Matos Castelhana e Português, habitavam vários do grupos subordinados a este Pay-bang. Um pouco depois, entretanto, ocorreu uma dissidência entre *Nicué* e o *Cacique Braga*, o qual passou, sem descanso, a fazer-lhe uma guerra de extermínio.

O grupo de João Grande ocupava o território para onde avançava a frente colonizadora a partir da segunda metade do século XIX. Este cacique é célebre nas fontes oficiais da província por suas correrias, principalmente pelo sequestro da família Versteg, o ataque à fazenda de João Mariano Pimentel e o ataque à colônia de Mundo Novo<sup>42</sup>. Algumas fontes escritas sobre este cacique o descrevem como um negro, talvez fugido das fazendas próximas. Outras fontes relatam que havia um negro entre o grupo do João Grande<sup>43</sup>. Este nome, aliás, vêm de um pássaro que tem as pernas compridas, e foi dado devido a sua estatura muito maior do que os outros indígenas de seu grupo.

Todos estes relatos apontam que, após o ataque à colônia do Novo Mundo, que resultou no sequestro da família Wadenpuhl, uma tropa comandada pelo Capitão Francisco Muller e outra pelo Cacique Doble perseguiram o grupo de João Grande pelas matas. Segundo o mesmo relato, o grupo de Nicué teria sido vítima de uma emboscada, capitaneada pelo próprio cacique Doble, quando este teria assassinado João Grande e parte de seu grupo. A partir de conversa com kaingangs na atualidade, podemos apontar que há a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre o que de fato aconteceu com o cacique Nicué e seu grupo após o ataque de Doble em 1853.<sup>44</sup>

---

41 LAROQUE, op. cit. p.142

42 Ver DORNELLES, op. cit. p.55-68

43 "Segundo as informações disponíveis, fazia parte do grupo de João Grande um negro fugido de São Francisco de Paula. Não há certeza da proveniência deste escravo, uma vez que houve também um escravo mandado a servir os padres missionários na Guarita, que, entretanto, havia fugido ainda no ano de 1849 (Teschauer, 1905:149).“ (FRANCISCO, Aline Ramos. Selvagens e intrusos em seu próprio território: a expropriação do território Jê no sul do Brasil (1808-1875). São Leopoldo, PPGH/ UNISINOS, Dissertação de Mestrado, 2006. p.149)

44 Sobre isso, em FRANCISCO, op. cit., a autora traz relatos que apontam a atuação do *grupo de João Grande* em um ataque à uma fazenda e na morte de um Colono, chamado Clementino Pacheco, em 1856, ou seja, 3 anos após

A partir de diversos textos, podemos entender a presença Kaingang na região do nordeste gaúcho, onde, a partir de 1875, iriam se instalar as colônias italianas. Também é possível constatar que suas ações são determinantes para a história da região, e podemos ver o protagonismo<sup>45</sup> destes caciques não apenas nos termos de uma dicotomia ultrapassada, como “resistência” e “colaboração”, mas de forma a apontar a complexidade da ação destes sujeitos, e as implicações diretas e indiretas sobre indígenas, brasileiros e imigrantes.

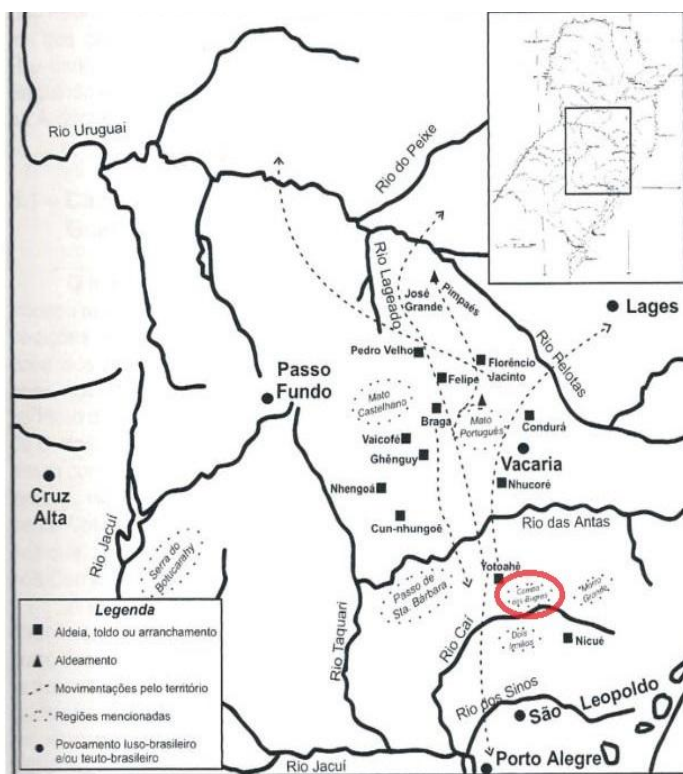


Figura 6 – Mapa da atuação das lideranças entre os rios Jacuí, Pelotas e Sinos. Fonte: Elaborado por Laroque, 1999 (Laroque, 2000: 151).

Figura.1: Mapa retirado de DORNELLES, op. cit. p.96 com o Campo dos Bugres em Destaque

o relato de sua morte (p.122-123); esse ataque condiz com a característica de resistência violenta que marcou a história de Nicué.

45 Para um debate sobre o protagonismo dos caciques Kaingang no século XIX, ver: SANTOS e FELIPPE, op. cit., p.26-30

## **CAPÍTULO 2: OS INDÍGENAS EM CONTATO COM COLONOS ITALIANOS**

### **2.1: Guerras, *bugreiros* e aldeamentos: formas de esbulho dos territórios Kaingangs no século XIX**

Neste capítulo, serão tratadas algumas discussões acerca do contato dos indígenas Kaingangs com os colonos italianos. O recorte proposto para esta monografia vai da última década do século XIX até a segunda do XX, porém utilizaremos relatos e discussões de um período anterior, marcado pela chegada dos colonos alemães em 1824 e dos italianos em 1875, para fins de compreender como se construíram as relações entre esses, o estado brasileiro e os povos ameríndios que habitam a região do nordeste gaúcho.

Ao analisar a bibliografia sobre os primeiros contatos, e também o que estava em jogo nessas relações – geralmente o usufruto da terra -, podemos traçar uma narrativa histórica a partir de uma análise mais completa das fontes, escutando os "ruídos de fundo", percebendo as ausências e os interesses dos sujeitos presentes nestes relatos. Para tal, é fundamental contextualizar os eventos que descrevemos a partir da documentação analisada.

No capítulo anterior, foram citados alguns ataques de grupos Coroados contra colonos no Vale dos Sinos e Caí. Essa foi uma situação presente no processo de colonização da região, pois, os indígenas não aceitaram a invasão de seus territórios, e organizaram ataques, chamados *correrias*, as quais eles faziam ora para obter recursos, como ferramentas de metal, ora por desavenças ou disputas com os moradores. Porém nem toda aproximação resultava em violência, muitas vezes os indígenas pegavam comida ou ferramentas, outras vezes apenas sondavam as casas. Podemos supor que muitos contatos desse tipo aconteceram, porém as fontes preservam mais os relatos dos assaltos violentos, cujo desfecho são a morte de colonos e também de indígenas.

Durante o período que consiste no início da colonização alemã, em 1825, até a primeira década do século XX, ocorreram profundas mudanças na ocupação e na paisagem<sup>46</sup> da serra e dos

---

46 "Como foi desmatado há trinta anos nesta parte e com o aumento que temos todos os dias da população e a necessidade de abandonar, explorar, esterelizar, torná-las improdutivas as terras já cultivadas, qualquer que sejam

campos do nordeste. Para se ter uma noção, "entre 1875 e 1914, a província, e depois estado, do Rio Grande do Sul recebeu 84 mil imigrantes italianos, cifra maior do que a da imigração alemã no período de 1824 a 1939, cerca de 75 mil colonos."<sup>47</sup>.

Durante o século XIX, os territórios Jês também foram palco de guerras entre estado-nações, revoluções e movimentações de exércitos. Alguns destes conflitos, como a Guerra do Paraguai e a Revolução Federalista tiveram influências mais diretas sobre os Coroados do planalto. A região de Lagoa Vermelha, por exemplo, foi palco de diversos conflitos entre maragatos e chimangos, tendo sido sitiada a sede da cidade em 1893.

As primeiras cartas de Frei Bruno de Gillonnay, quando viajava ao norte do Rio das Antas ainda em 1896<sup>48</sup>, descreve "brasileiros que vivem em milhares de florestas quase como selvagens [...] principalmente pessoas comprometidas de alguma forma na revolução [que] foram pedir um refúgio nas florestas virgens." Um detalhe que chama atenção no relato do frei sobre os que moravam nestas *florestas virgens*, é a maneira que ele descreve as habitações destes brasileiros comprometidos com a revolução: "A gente morre de fome no meio deles pois não se pode acostumar à sua comida. Morre-se de sono, pois eles não tem, cada qual, mais que uma pequena palhoça onde tudo fica atirado por todos os lados". Essa descrição nos faz questionar quem seriam estes *brasileiros*, já que é comum ainda hoje em locais de colonização italiana se referir a quem não tem ascendência italiana ou alemã como *brasileiro*, não distinguindo raça ou cor. Nos questionamos se não seriam indígenas, kaingangs fugindo das tropas da Revolução Federalista, baseado na descrição da palhoça e no estranhamento com a comida; mas também pelo fato de que o local que o frei descreve é uma colônia italiana recém fundada, de Nova Virgínia, hoje conhecida como Guaporé<sup>49</sup>.

Sendo uma colônia recente, a ocupação por italianos ainda não tinha alterado de forma substancial a paisagem, havendo ainda matas, *florestas virgens*, que serviam de 'abrigo' para grupos que buscavam refúgio. Provavelmente esse grupo de *brasileiros* fosse composto de

---

as selvas do RS menos vastíssimas e quando se pensa essas selvas poderão fazer frente a esta necessidade de desmatar?" (IL COLONO ITALIANO, 19/03/1910)

47 KUHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, XXI, 2004 p.91

48 Bruno de Guillonnay, 14/12/1896. Muscap, Fundo Bruno de Gillonnay

49 No site da Prefeitura Municipal de Guaporé, na aba História, lê-se que a colônia fora criada em 1892, e em 1896, quando o frei Bruno passa por Nova Virgínia, "a colônia já contava com cerca de 7 mil habitantes, em sua maioria italianos, incluindo alguns alemães, poloneses, russos e austríacos."

caboclos e camponeses, comprometidos tanto pela Revolução quanto pela política de terras do Estado, mas não se pode excluir a possibilidade de haverem indígenas kaingangs entre estes encontrados por Gillonnay. Estes, se estiveram realmente nas matas de Nova Virgínia em 1896, talvez passaram despercebidos, pois não atenderam a expectativa de "índio" do frade francês.

Wilmar D'Angelis, ao traçar uma história do Toldo Chimbanguê, em Santa Catarina, relata as migrações forçadas de kaingangs em consequência da violência dos grupos armados de ambos os lados da Revolução Federalista:

Nesse momento a região vai receber considerável contingente de brasileiros vindos do RS, consequência da Revolução Federalista. Entre os migrantes contam-se também indígenas Kaingang, que vieram somar-se aos do Irani.<sup>50</sup>

O autor também descreve como as "Forças" – termo utilizado pelo autor - recrutavam a força os indígenas, que, se recusassem, eram brutalmente atacados. De modo geral, existia uma situação em que os grupos não aldeados eram perseguidos violentamente, seja por "Forças" militares, seja pelas companhias de pedestres, ou ainda caçadores<sup>51</sup> se embrenhando nas matas.

Durante o século XIX, a ação dos *bugreiros* fez parte do processo histórico da colonização, especialmente em áreas mais afastadas, no fundo dos matos e serras. A colonização também representava um negócio rentável para empresas loteadoras, e a presença do indígena era um impecílio grande a esses empreendimentos, especialmente quando, vendo seu território invadido, ataca. "Naquele momento, surgiu a figura mais representativa da situação, o "bugreiro", isto é, um "profissional" especializado na matança de índios; uma profissão reconhecida pela comunidade e remunerada por ela."<sup>52</sup>

Esses "profissionais" eram designados para perseguir grupos que estivessem nas matas próximas, ou nem tanto, dos núcleos coloniais. Quanto à imigração alemã e italiana no Rio

---

50 D'ANGELIS, Wilmar. *Toldo Chimbanguê: história e luta Kaingang em Santa Catarina*. 1a.. ed. Xanxerê (SC): Cimi Regional Sul, 1984. v. único. 108p. p.40

51 Sobre os caçadores como bugreiros "ocasionais", Cunha nos diz: "O grupo de bugreiros ocasionais que maior impacto causaria no universo indígena foi, sem dúvida, o dos caçadores. A caça era um dos poucos entretenimentos dos fins de semana e dos períodos em que a roça e a pecuária não exigiam mais cuidados. Mas, praticada com arma de fogo, revelava-se devastadora para a extinção de espécies animais, fonte de subsistência dos índios." (CUNHA, op. cit. p.177)

52 DORNELLES, op.cit. p.13

Grande do Sul, os conflitos se deram com todos os grupos Jês do planalto, que eram tratados indiscriminadamente pelos bugreiros, apenas se distinguia aquele aldeado, ou o "civilizado". Sobre os ataques de bugreiros às populações Jês do planalto, Lauro da Cunha nos apresenta o seguinte panorama em relação às fontes por ele estudadas:

Os Kaingang, que tinham uma população muito maior em relação aos Botocudos, sofriam com mais intensidade a ação desses ataques oficiais, principalmente no Planalto Médio e no Alto Uruguai. Pela documentação produzida pelos militares de São Francisco de Paula, fica difícil identificarmos o grupo étnico em cada uma das ações desses bugreiros. Os Jês eram tratados genericamente de "gentios", "selvagens" ou "bugres".<sup>53</sup>

Outro meio de liberar os territórios para a colonização eram os aldeamentos, que no Rio Grande do Sul se tornaram a política oficial dos governos do PRR. Como visto no capítulo anterior, os Caciques Doble (Pã'í Yotoahê) e (Pã'í mbâng) Braga, decidiram se aldear próximos ao município de Lagoa Vermelha na metade do século XIX. O projeto original do governo da província, porém, era aldear todos os grupos coroados em Nonoai, liberando assim mais espaço para a colonização do nordeste e norte gaúcho.

Outro cacique que tinha como a Serra Gaúcha seu território era João Grande (Nicué), que por sua recusa a aldear-se e seus constantes ataques, foi perseguido por grupos regulares e pelo grupo do cacique Doble. Durante boa parte da segunda metade do século XIX, os aldeamentos não foram muito efetivos, segundo os planos do Estado. Trazemos aqui apontamentos da monografia de Vianna sobre o aldeamento Santa Izabel, que existiu na região de Lagoa Vermelha até 1879<sup>54</sup>:

Esta queixa nos dá subsídios para pensar que territorialmente o aldeamento não funcione como elemento puramente agregador, conforme pretende a legislação indigenista, mas "contatal", ou seja, **fundamentado no contato e vínculo de relação com o diretor do**

---

53 CUNHA, op. cit. p.142

54 Aldeamento que existiu em Lagoa Vermelha, fundado em 1858 por ofício do presidente da província para aldear o grupo de Doble, e durou até o final da década de 1870, quando "a falta de mantimentos se agravou (com o corte das etapas), os indígenas se espalharam pelas matas do Campo do Meio e Pontão, assim como alguns continuaram a se estabelecer como agregados de alguns fazendeiros da região." (VIANNA, Marcelo. *REFLEXÕES SOBRE O ALDEAR: O CASO DO INDÍGENA KAINGANG DE SANTA ISABEL DIANTE A CONQUISTA DA REGIÃO DO PLANALTO RIO-GRANDENSE (1858-1867)*. UFRGS: Monografia, 2000. p.93)

**aldeamento.**

Contudo, **o aldeamento para nós é nada mais que símbolo do confronto entre duas concepções territoriais que operam ora belicosamente, ora amistosamente.**<sup>55</sup> (Grifos meus)

Assim, as políticas de Estado visavam *liberar* as ditas "áreas vazias" dos seus habitantes, grupos originários coroados e botocudos, para assentar colonos, principalmente europeus. Tanto os aldeamentos quanto os bugreiros agiam no sentido de manter os índios longe das fazendas e núcleos coloniais. Essas políticas foram efetivas, se pensarmos que durante a colonização alemã os conflitos com indígenas na Serra são mais frequentes nas fontes, enquanto que em relação aos italianos, os relatos de conflitos são bem mais rarefeitos. A diminuição dos registros pode significar uma ausência deles da região. Também pode significar que os eventos de contato já não resultavam em mortes como anteriormente, fazendo com que não interessasse mais o governo e a imprensa representá-los.

A partir de uma reflexão sobre a imprensa como um espaço privilegiado de articulação de projetos políticos<sup>56</sup>, veremos que durante o período inicial da colonização do planalto abundam relatos, relativos ao nordeste do rio grande do sul, sobre conflitos entre indígenas e colonos, reiterando o aspecto "selvagem" e violento dos ameríndios; enquanto a partir do último quarto do XIX, os relatos nesta região diminuem consideravelmente, retratando mais os "bons selvagens", os aldeamentos e a catequese. Essa mudança reitera um discurso de ocupação de um "espaço vazio" e de "frente civilizatória", ao apresentar narrativas que fazem apologia às práticas de religiosos e do estado.

## **2.2: Os Coroados e o início da Colonização Italiana**

Durante muito tempo, e até certo ponto ainda hoje, a história da imigração italiana é contada como uma epopéia de imigrantes que atravessaram o oceano para criar um novo mundo,

---

55 VIANNA, op. cit. p.54-55

56 CRUZ e PEIXOTO, op. cit. p.258

ou "fazer a América", em terras onde não havia nada além de florestas e feras selvagens<sup>57</sup>. Porém, como já foi colocado neste trabalho, a região que chegaram os colonos italianos era ocupada por diversos grupos indígenas, chamados Coroados, como aponta Dornelles:

por volta da década de 1870, os Coroados ainda permaneciam circulando nas matas que separavam os campos de Cima da Serra e as colônias alemãs ao sul. Além disso, continuavam a praticar assaltos e sequestros por aquele tempo; **as suas lideranças estavam ativamente envolvidas em negociações diretas com os chefes da província**; também encontravam-se nos aldeamentos, nos quais produziam alimentos, cediam sua mão-de-obra para a construção de obras públicas e abertura de estradas. Pois bem, a chegada dos primeiros imigrantes italianos coincide com este momento, suscitando que criemos uma expectativa sobre qual tipo de relação mantiveram.<sup>58</sup> (grifos meus)

Segundo a autora, cuja dissertação foi muito importante para a realização desta monografia, a última referência (encontrada por ela) sobre os parcialidades de coroados no Campo dos Bugres, e a chegada dos italianos à mesma região ocorrem com apenas 5 anos de diferença. Por isso podemos pensar que este contato era, de certa forma, iminente para as duas culturas. Nesse sentido, a autora também propõe pensar "as ações do grupo de imigrantes [como] parte de um processo, ora de afirmação étnica, ora de luta pela própria sobrevivência, processo que, geralmente, é atribuído somente aos indígenas."

Uma das histórias que nos traz Dornelles<sup>59</sup>, revela a atuação de um índio Coroadado na fundação da "pérola das colônias", e também nos ajuda a pensar sobre o que seja um *bugre* (termo que será aprofundado no próximo capítulo, a partir das fontes do jornal *La Libertà*). Se trata da história de Luís Antônio da Silva Lima, conhecido como Luís Bugre. Começa em 1847, ano em que diversos ataques de Coroados ocorreram na jovem colônia Feliz. Em uma dessas correrias, os colonos se organizaram para defender-se, e conseguiram afugentar os atacantes com tiros e cachorros. Um jovem Coroadado, atingido no joelho, fica para trás. Nenhum colono alemão

---

57 Em muitos relatos de uma história "heróica" da imigração italiana, há frases em que "índios" e "animais selvagens" aparecem juntos como a principal ameaça aos colonos. Um exemplo é o texto presente no jornal IL COLONO ITALIANO, publicado em 19/03/1910. O texto trata da "Transmigração", e tem um trecho que diz: "Eis um local imenso, finalizado, exterminado, *nunca pisado pelos animais selvagens nem pelos índios*, tudo coberto de intransitáveis e infinitas selvas que desde que o mundo é mundo não viram o cintilar de um ferro."

58 DORNELLES, op. cit. p.99

59 Ibidem, p.51-72



se interessa em ficar com o menino, de aproximadamente onze anos, e quando estão prestes a devolvê-lo aos seus, um colono de origem portuguesa chamado Matias Rodrigues da Fonseca adota o jovem e o batiza na religião católica com o nome de Luís Antônio da Silva Lima. Luís é instruído no português e no alemão, e as informações coletadas por Soraia Dornelles indicam que ele não era obediente ao seu tutor, frequentemente entrando nas matas e voltando após um longo tempo.

Em 1867, ocorre um evento que transforma a relação de Luis Antonio com os colonos, que até aquele momento tinha sido pacífica, apesar de permeada pela desconfiança e pela maneira pejorativa com que se referiam a ele. A respeito desse último aspecto, recorreremos a um trecho do livro de Gansweidt, escrito em 1946, citado por Dornelles sobre a reação de Luís ao ser chamado de *Bugre*:

(...). **Não quer saber, porém, que o chamem de Bugre.** De modo nenhum. Mas Luís Antônio. O epíteto que os brancos lhe deram é um sinônimo de desprezo, uma injúria, uma desonra. Há poucos anos estava uma mocinha ordenhando uma vaca nas cercanias de Salvador [atual Tupandi].

Era Ana Reinehr. O dia findava. Ouviu ela o patear e fungar de animais. Assustada, virou a cabeça e viu uma corja de enormes cães que avançavam em sua direção e atrás deles, Luís Bugre, armado de um grande fuzil. Sem saber o que fazer, gritou à irmãzinha que além dava de beber a um terneiro guacho: Luís Bugre! Bastou. O selvagem ouviu o nome detestado. Furioso, arrancou do ombro a arma e, sem tir-te em guar-te, puxou o gatilho. Acertou o alvo: A bala vingativa perfurou o úbere do animal. Eis quem é Luis Bugre em alma e corpo, como o conheço por narrativas e de vista. Os meus compadres aqui sem dúvida são capazes fornecer ainda outras notas sobre o herói {(Gansweidt, 1946: 41-42). [grifos da autora]}<sup>60</sup>

O evento que agravaria muito a desconfiança dos colonos com Luís Antonio foi o sequestro da família Versteg, na colônia de São Vendelino. De várias formas, as narrativas sobre o acontecido colocam Luís como colaborador dos Coroados, tendo um papel no sequestro de Valfrida e seus filhos; e ao mesmo tempo, ele oferece ajuda aos colonos para resgatar os três Versteg. Desse modo, Luís age junto aos colonos e também junto aos indígenas - sendo ele próprio um –, avisando quando estão chegando perto, fazendo com que o grupo de resgate não consiga alcançar o grupo coroadado.

Após um tempo, o único sobrevivente dos três, o filho Jacó, consegue fugir até uma

---

60 Ibidem, p.54

fazenda de um rico fazendeiro nos Campos de Cima da Serra. Logo, reencontra seu pai em São Leopoldo e trabalha com ele até sua morte. Após a morte de Lamberto Versteg, Jacó se casa com Carolina Weirich, com quem teve treze filhos, e se instala na colônia de São Vendelino. Depois da chegada do sobrevivente do sequestro da família Versteg, Luís Bugre abandona esta colônia e sobe a Serra, ao norte. O quarto capítulo da dissertação de Dornelles aponta a relação de Luís Antonio com a fundação de Caxias do Sul:

Desse modo, como lhe era habitual ajudar diversos grupos de colonos alemães recém chegados, acompanhou e recebeu também os primeiros imigrantes italianos até um local de sua indicação: nada mais nada menos, que o Campo dos Bugres. Local onde os Coroados haviam habitado e levado seus prisioneiros conforme relatamos anteriormente. Tratavam-se das comemoradas famílias milanesas Crippa, Sperafico e Radaelli que, em 20 de maio 1875, fixaram-se numa localidade que denominaram Nova Milano <sup>61</sup>

Na sua narrativa histórica sobre este personagem, Dornelles aponta as diferentes identidades percorridas por Luís Bugre, seja de Coroado, português, alemão, Kaingang, italiano. A autora inclusive aponta que Luis Antonio, ou, Luis *Bugre*, registrou-se para ser colono, adquirindo um lote de terra.<sup>62</sup> Vemos também que sua cooperação era fundamental na instalação de novos colonos, especialmente quando estes começam a subir a Serra. Nesse período, a maioria eram de italianos, que iriam fundar em poucos anos diversas colônias, as mais populosas Colônia Caxias, Conde D'Eu e Princesa Isabel.

---

61 Costa, Gardelin, 1992: 15. apud DORNELLES, op. cit. p.102

62 “O indígena tornou-se proprietário do lote número 17, com 148.191m” Mapa de Registro de chegada da Ex Colônia Caxias, AHJSA. p.01 apud DORNELLES, op.cit., p.102-103



Figura 2: Fotografia intitulada “Índios”. Arquivo Savoie 13Y, “Archives des Capucins” de Paris

### 2.3: Fontes sobre o contato entre Italianos e Kaingangs

Como já foi apontado, as fontes sobre o contato dos imigrantes italianos com os indígenas coroados são bastante escassas, o que nos leva a questionar a presença destes últimos na região ao sul do rio das Antas a partir de 1875. Porém, também é importante pensar como eram

representados os indígenas nas fontes naquele momento histórico, principalmente em relação às correrias e aos aspectos "selvagens" e exóticos dos grupos ameríndios. A partir de uma reflexão sobre quem eram *os índios* para a sociedade nacional no final do século XIX, podemos questionar aqueles que *não eram*, ou seja, aqueles sujeitos que não eram considerados índios, e por isso não eram citados nos escritos como tal. Neste caso, podemos pensar nos *caboclos*, descendentes de indígenas que tinham se inserido na sociedade nacional como camponeses, peões, pequenos agricultores, e mão de obra para os colonos<sup>63</sup>.

Podemos pensar nos laços que se formaram entre famílias italianas e indivíduos Kaingang – o contrário também ocorria -, que muitas vezes derivavam da violência perpetrada pelos bugreiros ou decorrente de suas incursões. Outro aspecto é a violência que sofreu a mulher indígena<sup>64</sup> durante esse período, fruto, além de outras coisas, da ação dos bugreiros; esse processo deixou uma marca na memória coletiva e familiar em todos os 'sertões' do país, nos legando expressões como “vó pega no mato a cachorro” ou “vó pega no laço”, sendo esta antepassada sempre uma indígena ou alguém sobre o qual não se sabe de onde veio. Ou seja, não houve apenas um genocídio através das armas, mas também no âmbito da memória e do esquecimento.

Seja através de *laços* ou de trocas das mais diversas, houveram aspectos culturais que foram compartilhados entre indígenas e os italianos. Através da narrativa sobre Luís Bugre, é possível perceber o papel que os indígenas tinham de guias ou intermediários, pelo seu conhecimento da região e pelo fato de que, tendo em vista que *estavam lá*, lhes era atribuído um

---

63 "I *caboclos* si rivelarono una manodopera poco o niente costosa, e furono messi a diboscare la foresta e a constuire strade. In questo modo dipendevano sempre più dai nuovi insediamenti. Conosco il caso riferito da un sacerdote scalabriniano, il quale nel 1908 scrisse in una lettera che a Nova Prata si erano presentati "più di un centinaio di Bulgari fuggiti del loro desolate terre" a causa di una invasione di cavallette, e mentre alcuni di loro avevano trovato lavoto, "le donne ed i piccoli vengono alle porte e non partono se prima non si dà loro da mangiare" (Lettera di P.Seganfredo a don Vicenti, 31 janeiro de 1908).(BRUNELLO, Piero. *Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della frontiera*. Roma: Donzelli Editore, 1994.p.25) [Os caboclos provaram ser uma mão de obra pouco ou nada custosa, e foram postos à floresta e para construir estradas. Desta forma, eles dependiam cada dia mais dos novos assentamentos. Eu sei que o caso relatado por um sacerdote Scalabriniano, que em 1908 escreveu em uma carta que "mais de 100 de bugres fugidos de suas terras desoladas" tinha sido apresentado a nova prata por causa de uma invasão de gafanhotos (ver trad.), e enquanto alguns deles tinham encontrado trabalho, "as mulheres e os jovens vêm à porta e não saem a menos que você os dê para comer" (carta de P. Seganfredo a Don Vicenti, 31 janeiro de 1908)]

64 Ver WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: outras tantas histórias*. Revista Estudos Amazônicos • vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40

trabalho na empresa colonizadora. Da parte dos kaingangs, percebe-se que se apropriam de alguns aspectos enquanto outros lhes são impostos cada vez mais.

Se buscamos encontrar vestígios de trocas, em algumas fotografias dos “Archives des Capucins”, observa-se uma mudança significativa na forma de se vestir entre as Figuras 5 (uma mulher e várias crianças indígenas sob uma palhoça de madeira e folhas) e 6 (um grupo kaingang composto de homens, mulheres e crianças, todos com o torso desnudo, apenas dois homens com calças) e a 2, onde se observa a segunda mulher em pé da esquerda para a direita, que veste um xale típico da indumentária da colonização italiana, e a Figura 7, em que os indígenas, todos vestidos com uma indumentária completa, inclusive ternos, recebem D. João Becker ao lado de uma cabana de madeira. A questão das roupas é significativa neste trabalho, pois, como será tratado no último capítulo, são obtidas junto a italianos em diversas localidades coloniais.

Além das imagens, outros registros importantes do contato entre indígenas e colonos italianos são as fontes da imprensa. Para introduzir o assunto, recorreremos a um artigo<sup>65</sup> da historiadora Cíntia Rodrigues, que remete a uma pesquisa de mestrado<sup>66</sup> feita sobre a imagem dos índios na mídia impressa rio-grandense, no final do século XIX e início do XX, que condiz com o recorte desta monografia. Os jornais analisados pela autora são *A Federação e Correio do Povo*, ambos publicados em Porto Alegre. Para a autora, existem duas categorias que definem como eram retratados os indígenas na imprensa: o "bom selvagem" e o "selvagem". Na primeira categoria, se encaixam os índios que colaboram com as iniciativas nacionais, aquele que sai do estado "primitivo" para ser "civilizado"; a outra categoria inclui aqueles que resistem à ocupação de seus territórios (um processo continental nos séculos XIX e início do XX), atacam vilas, colônias e matam missionários e outros agentes governamentais. Voltando a reflexão do parágrafo anterior, aqueles que não se encaixassem nas categorias binárias, não seriam vistos como *índios* - para um missionário europeu, seriam apenas *outros* brasileiros.

O interessante do artigo de Rodrigues, é que a autora traz dois textos publicados no jornal *A Federação* que tratam dos kaingang de Lagoa Vermelha, ou seja, aqueles a quem se referem às fontes desta monografia. Mais interessante ainda, é o fato de que cada uma destas duas matérias

---

65 RODRIGUES, Cíntia Régia. *A imprensa Rio Grandense na Construção da Imagem do Índio*. Biblos (Rio Grande), Furg - Rio Grande/RS, v. 16, p. 73-86, 2004.

66 RODRIGUES, Cíntia Régia. *As imagens do índio na Imprensa Sul-Riograndense (1884-1910)*. Dissertação de Mestrado em História, UNISINOS. 2002

pode ser colocada em uma categoria diferente das apontadas pela autora. Vejamos as duas:

O governo do estado do Rio Grande do Sul, quando da execução das demarcações de terras para os indígenas pela Diretoria de Terras e Colonização, lançou mão de verbas para a catequização dos mesmos: Catechese de índios – O governo do estado pretende, por meio do ensino escolar, catechisar os grupos de índios que vivem nos mattos de Lagoa Vermelha e outros municípios. Para isso, foi aberto o credito de 5.800\$000.25 (A FEDERAÇÃO, n. 207, 6 set. 1909)<sup>67</sup>

No logar denominado (Serra do Forquilha), 2º districto deste municipio, occoreu, a 29 de dezembro do anno findo, um serio conflito entre índios e brasileiros ali residentes, no qual foram quase mortos, a cacete e facão, os brasileiros Deolindo Sacramento e Diogo Serrilho Antunes. Das Lopes investigações procedidas pelo delegado de policia, tenente Matheus Lopes Brum, verifica-se a culpabilidade (entre as quaes o chefe dos índios, capitão Faustino) não só attribuem a autoria daquelle crime como a da provocação que o precedeu, acrescentando que o facto delictuoso foi motivado pelo bom acolhimento dispensado pelos brasileiros à pessoa encarregada de ministra instrução aquelles, pessoa esta que não goza da boas graças de uma parte dos gentios, por ser natural da Itália. Frei Bruno, o encarregado da catechese pelo benemerito governo do Estado, colhendo informações a cerca do crime referido acima, chegou á conclusão de que os índios não foram os provocadores e que elles têm sido victimas de explorações de brasileiros pouco escrupulosos que se estabelecem nas proximidades do toldo e os prejudicam, já enchendo-os de aguardente, do que muito gostam, por preços exorbitantes, já não prendendo a criação que solta, estraga as pequenas plantações dos índios. Em vista disso, Frei Bruno, considerado inconveniente para o bom desempenho de sua missão a visinhança destes brasileiros com os seus civilizados, se entendeu com o exmo. sr. dr. Presidente do Estado e s. ex., segundo ouvimos, em carta dirigida ao honrado e prestigioso intendente deste municipio, coronel Heleodoro Branco, pediu que fossem retirados dos terrenos dos índios, por meio suasoria(...).Esperamos pela douta decisão do exmo. sr. dr. Presidente do Estado. Lagoa Vermelha, fevereiro de 1910. (A FEDERAÇÃO, n. 51, 2 mar. 1910)<sup>68</sup>

A primeira matéria, de 1909, trata da verba que o governo da Província destinou a

---

67 Idem, 2004. p.82

68 Ibidem, p.83

catequização dos indígenas de Lagoa Vermelha. Esta, via contatos do frei Bruno de Gillonnay, vai ser destinada aos capuchinhos, mesmo que indiretamente na pessoa do colono Ricardo Zeni. A reportagem, segundo as categorias de Rodrigues, pertence ao espectro do "bom selvagem", aquele que aceita a catequização. A segunda, se encontra no outro pólo deste binômio, a da "selvageria", pois relata o ataque que os índios realizaram contra dois fazendeiros *brazileiros*. Segundo esta matéria, um dos responsáveis seria o cacique Faustino [Doble]; porém os indígenas teriam um "defensor", o mesmo Frei Bruno de Gillonnay, que intervém diretamente ao Presidente do Estado, afirmando que a vizinhança daqueles fazendeiros eram *inconvenientes para o bom desempenho de sua missão*, a qual o mesmo jornal se refere ao início um ano antes. Assim, percebemos que um mesmo grupo indígena (como veremos, dividido em duas lideranças) era representado ora como "bom selvagem" que aceita a "civilização", ora apenas como "selvagem" que utiliza da violência contra os *brazileiros*.



Figura 3: Cacique "Fausto" – Lagoa Vermelha. Arquivo Savoie 13Y, “Archives des Capucins” de Paris

#### **2.4: Os Kaingangs nos jornais *La Libertà* e *Il Colono Italiano***

Cabe aqui fazer uma breve biografia destes dois personagens importantes na história que se desenrola. O *capo* Fortunato José Gonçalves foi uma liderança Kaingang, a princípio subordinada ao Pã'i mbâng Faustino, porém suas ações mostram que pretendia se tornar ele próprio o cacique principal. Sua aliança com o catequista Ricardo Zeni acirrou a disputa com Faustino, fazendo com que saísse com seu grupo do Fachinal para mais próximo das nascentes do Rio Forquilha, em uma área territorial obtida através do intermédio dos capuchinhos com o



governo estadual, que passou a se chamar Cacique Doble. A pesquisa de Laroque<sup>69</sup> indica que em meados dos anos 20, Fortunato havia voltado para o Fachinal e ocupava o posto de cacique principal, o que levanta a hipótese de que ele se fortaleceu a partir da aliança com os freis e os colonos.

O cacique Faustino ou Fausto Ferreira Doble (Côofei) “era um dos muitos filhos do antigo *Doble (Yotoahê)*” e atendia pela designação de general, além de ser o cacique principal do toldo do Fachinal. Em 1910, época dos eventos aprofundados nesta monografia, estaria com 46 anos; as fontes<sup>70</sup> indicam que teria vivido pelo menos até meados da década de 1940, mas já na terra indígena de Cacique Doble. Este cacique teria muita estima entre os Kaingang, talvez por ser filho do antigo Doble e ser uma liderança maior; porém em relação aos brancos (*fóg*), ele se mantinha bastante arredo, principalmente pelas incursões que faziam os colonos nas terras que habitava. Sua relação com os capuchinhos não foi diferente, apesar de ter sido defendido pelo frei Bruno no caso publicado n'A Federação em março de 1910, manteve uma posição de não aliança com os brancos, o que gerou atritos com seu subordinado Fortunato.

Agora que foram apresentados os protagonistas indígenas, podemos prosseguir ao fio narrativo que guia este trabalho, a partir de um evento ocorrido em 1909 em Conde D'Eu (Garibaldi). O relato do evento em questão foi encontrado no jornal *La Libertà* n° 47, disponível na hemeroteca digital da Câmara Municipal de Caxias do Sul, e a publicação data de 29 de janeiro de 1910. O título da publicação é "**Visita inaspettata**", ou Visita Inesperada, se encontra na segunda de quatro páginas, e não possui nenhum destaque visual, apenas o título em uma fonte levemente maior do que o texto e em negrito. Seu conteúdo é um relato da visita do *capo Fortunato Doble* e do professor dos indígenas, o colono Ricardo Zeni feita à sede do jornal.

Uma questão surge ao analisar essa fonte: não há autoria. Atentando as características do jornal, após uma extensa leitura de todas as edições de 1909 e 1910 disponíveis no acervo digital já mencionado, é possível fazer suposições sobre o autor. O jornal era escrito em italiano, e tinha um caráter eminentemente de difusão da religião católica. De fato, o objetivo da missão capuchinha era atender os milhares de colonos italianos que haviam se estabelecido desde 1875

---

69 LAROQUE, L. F. S. *Fronteiras Geográficas, Étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930)*. Pesquisas / Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo: Unisinos, 2007. 343p. (Antropologia; n.64) p.186-188

70 *Ibidem*, p.183-186

na região da Serra, por isso, podemos afirmar que a publicação era direcionada para estes colonos, em sua maioria católicos e a maioria falantes de dialetos do italiano. Os autores dos textos publicados no jornal são principalmente freis capuchinhos, trazendo opiniões católicas, relembrando datas importantes do calendário religioso, criticando ou elogiando medidas do governo, e, em um caso que será mais aprofundando adiante, relatos sobre os indígenas. Nas fontes, também vemos a presença de alguns colonos, que escreviam também artigos de opinião, variedades, dicas para a agricultura, etc.,. Algumas matérias relevantes para essa pesquisa utilizam pseudônimos, assim não sabemos se são os freis ou são leigos.

A importância destes relatos para uma história indígena não se encontram apenas no texto em si que trazem, mas também no impacto social da circulação desse texto. Para trabalhar com fontes jornalísticas, recorreremos a um artigo de Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto, onde as autoras analisam o papel deste tipo de fonte na escrita da história. Ao relacionar esse debate com a análise, por exemplo, do texto citado acima, "**Visita Inaspettata**", podemos entender como se dava a relação entre os indígenas, a escrita do jornal e os colonos italianos. Segundo as autoras,

interessa destacar que na configuração histórica assumida pela Imprensa, em diferentes conjunturas e com articulações históricas diversas, desde o século XIX, agindo como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social, os jornais e revistas atuam:

[..]Pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento;

[..]<sup>71</sup>

Como já foi apontado, a matéria em si não tem nenhum destaque no jornal em que foi publicada, se misturando, desse modo, com diversos textos sobre religião, colonização e *cotidiano*. Três outras matérias completas sobre os indígenas (dois relatos de Fr. Enrico Poggi e um do pseudônimo *Dipo*) já haviam sido publicadas no ano anterior no jornal. A primeira matéria, de fevereiro de 1909, ao que parece, gerou interesse nos leitores do *La Libertà*, tanto que em julho, é publicada uma nota endereçada ao autor: "Enrico Poggi: Lagoa Vermelha. /Bom ler as suas observações. Se ele soubesse quanto interesse suscitou sua escrita para o jornal sobre os costumes indígenas. Porque não lembra mais de nós? Vale."

---

71 Cruz, Heloísa; Peixoto, Maria do Rosário. *Na oficina do historiador: Conversas sobre história e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007. p.259

No mês seguinte, "para dar sinal que ainda está vivo", Enrico Poggi (supostamente, pois não está assinada) manda outro texto, *Ainda sobre os costumes dos Selvagens Indos*. O terceiro texto publicado, sob o pseudônimo de *Dipo* e intitulado *Outra observação sobre nossos selvagens* parece mais interessado em 'o que fazer com os indígenas' do que em observar e descrever seus costumes e práticas. Observa-se a partir destes três primeiros textos, pelo menos duas abordagens sobre os indígenas de Lagoa Vermelha: a do frei Poggi, uma observação interessada nos costumes, mas que carrega um forte tom evolucionista, e a do pseudônimo *Dipo*, menos interessada nos hábitos dos kaingangs e mais com os problemas decorrentes do aldeamento – fala da Colonia Caseros – pensando na perspectiva dos colonos e fazendeiros, fazendo ainda um apelo ao governo para “torná-los cidadãos úteis para o país”. É interessante pensar que o autor deste texto utiliza um pseudônimo enquanto emite opiniões contrárias aos indígenas. Por exemplo, insinua que eles logo se tornariam “vagabundos perigosos”.

Seguindo na leitura dos jornais, na edição de duas semanas depois, encontramos outra nota a Enrico Poggi. Desta vez, o tom é diferente, provavelmente uma resposta à continuação dos relatos deste frei. Essa encontra-se na edição publicada no dia 28 de agosto de 1909, diz o seguinte: "Rev. Enrico Poggi: Lagoa Vermelha. No próximo número: observações sobre os selvagens. Será verdade que o pátrio governo deixará de cumprir as exigências humanitárias? Oramus ad invecem."

Nessa nota, encontramos um apelo político, citando diretamente o governo, provavelmente o do estado, encarregado das políticas indigenistas até o ano seguinte. Em outros números do jornal, podemos perceber a presença de uma crítica a posturas anticlericais. Um trecho de Dornelles nos aponta o contexto deste atrito entre os missionários e o governo do estado:

Com a chegada ao poder do Dr. Borges de Medeiros, a princípio, os capuchinhos temeram que o novo governo implementasse as medidas de laicização da catequese impostas pelo governo federal, mas pelo contrário, o governo ofereceu a Ricardo Zeni o cargo de Diretor da Catequese Leiga, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, tranquilizando, momentaneamente os ares.<sup>72</sup>

---

72 DORNELLES, op. cit. 116

Percebe-se que o jornal publicado pelos capuchinhos tinha um claro posicionamento político frente a questão indígena, com vista a continuar com as missões catequizadores em Lagoa Vermelha. Como aponta Mattos<sup>73</sup>, a atuação dos capuchinhos no Brasil durante o século XIX "pareciam guiadas por concepções anti-indígenas características do ideário contrarrevolucionário em voga nos diversos países da Europa após o regicídio na França.". Além disso, é marcada uma posição extremamente católica dos freis, aparecendo nas cartas de Bruno de Gillonnay, entre as justificativas para a efetivação da missão entre os indígenas de Lagoa Vermelha, o assédio dos protestantes a estes:

"Eu vos falava na minha última carta dos "indígenas" que visitei. Para evangeliza-los haveria de assumir uma nova paróquia, Lagoa Vermelha. O Bispo no-la oferece e aceitá-la significa fechar a porta aos protestantes que perseguem os "indígenas", [...] "São João de Montenegro, 12 de janeiro de 1904")<sup>74</sup>

Percebemos a rede de interesses presentes nos relatos coletados nos jornais *La Libertà e Il Colono Italiano*. A partir de uma análise crítica, podemos entender a mesma documentação, a partir de uma etnohistória que contemple o processo de colonização e de esbulho dos territórios kaingangs, tendo em vista que se trata do encontro de duas culturas, a ameríndia Kaingang e a católica dos italianos, principalmente do norte da península. A partir da leitura de Rojas, foi feita uma reflexão sobre a etnohistória como disciplina, seus limites e possibilidades, além de pensar quem são os *sujeitos de uma etnohistória*. Trazemos aqui uma citação importante para este tópico, pois aqui estudamos uma área de *fronteira*, se não mais territorial, ao menos entre culturas distintas, que trazem suas próprias historicidades, mas que compartilham *relações recíprocas*.

But many, perhaps most, of the historians who have taken to ethnohistory in recent years have come from the study of frontiers, in which a two-culture focus is a necessity as well as a virtue. It is there, -in the reciprocal relationship between two or more cultures in contact- that historians have found the greatest utility and most distinctive contribution of

---

73 MATTOS, op. cit. p.158-162

74 GUILLONNAY, op. cit. p.278

ethnohistory. (Axtell, 1979: 2-3)<sup>75</sup>

Ainda que, neste caso, essa afirmação suscita um outro problema: qual o outro lado dessa relação que se diz *recíproca*? O que os imigrantes italianos adotaram no contato com os Kaingang? Um exemplo bastante banal é o Pinhão, cuja árvore, a Araucária, é sagrada para os povos Jê do planalto, e que foi adotada na alimentação e inclusive como símbolo de algumas cidades edificadas sobre as matas de pinheiro, quer dizer, sobre território ancestral Kaingang. Outro é a polenta, típica comida dos povos ameríndios, que produziam diversos pratos com farinha de milho, mas que foi adotada como característica cultural dos ítalo-brasileiros.

Somente estes casos não satisfazem a inquietação histórica, pois para os habitantes do planalto meridional, o pinhão (assim como o chimarrão) não é senão um produto local. Não há uma relação de estranhamento com o fato de que, em alguns casos, a assistência de indígenas foi fundamental para o estabelecimento inicial dos colonos em terras cobertas de florestas e totalmente desconhecidas a eles.

Os relatos, como o de Luis Bugre, que recebeu os primeiros europeus no Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul, exemplificam como os indígenas prestavam serviços aos colonos nos primeiros anos. Sem cair no binômio *resistência versus aculturação*, vemos diferentes situações que os Kaingangs participavam da vida nas novas colônias, se adaptando à cultura que ia se estabelecendo naquele território, e ao mesmo tempo mantendo continuidades com a cultura originária.

### **CAPÍTULO 3: ÍNDIOS, *BUGRES* E CAPUCHINHOS: Relações diversas a**

---

75 ROJAS, op. cit. p.40

## **partir da imprensa das colônias italianas.**

### **3.1: O papel dos Capuchinhos de Conde D'Eu nos toldos kaingangs no início do século XX**

Até aqui, foram apresentadas fontes e bibliografias sobre a presença dos indígenas Jês na região conhecida como Serra Gaúcha, desde o período anterior à chegada de europeus no continente sul-americano até o final do século XIX e início do XX. Neste capítulo final, serão trabalhadas, de forma mais contundente, as fontes pesquisadas, que consistem em cartas dos freis capuchinhos, em especial o frei Bruno de Gillonnay, e jornais publicados em italiano nas colônias de Caxias e Conde D'Eu. As cartas relatam o desenvolvimento do contato entre os religiosos e os indígenas, Kaingangs, que habitavam os aldeamentos no município de Lagoa Vermelha a partir de 1903; enquanto os jornais apresentam relatos feitos a partir deste contato, que foram publicados para um público falante de italiano, ou seja, os imigrantes e seus descendentes. As primeiras serão analisadas principalmente para contextualizar a presença dos frades, enquanto os textos dos jornais servirão para desenvolver problemáticas etnohistóricas.

Já apresentamos alguns fatos sobre este encontro, mas para fins narrativos, é válido retomar uma cronologia dos acontecimentos que levaram os capuchinhos a entrarem em contato com os kaingangs no início do século XX. Como já foi apontado, os frades franceses chegam ao Brasil em 1896, em uma missão para atender os milhares de colonos italianos que se estabeleceram nas Serras do planalto meridional. No ano seguinte, 1897, o frade Bruno de Gillonnay escreve uma extensa carta<sup>76</sup> sobre a missão que acabara de começar, trazendo pedidos e relatórios dos trabalhos da ordem entre os colonos. Neste ano, segundo este documento, os freis tem de "viajar, às vezes por dois dias, para administrar enfermos, seja na paróquia de Conde D'Eu, seja de outros lugares abandonados onde o próprio pároco não pode ir." Numa destas viagens, relatada no mesmo documento, frei Bruno encontra-se com "brasileiros, quase todos comprometidos durante a revolução [de 1893], retirados no interior das florestas virgens onde

---

76 GILLONNAY, Bruno, op. cit. p.50-60 (Uma cópia da original também foi consultada no Fundo Bruno de Gillonnay do Muscap.)

vivem sem padre, sem culto, e o que é pior, sem moral", e que vivem em "pequena[s] palhoça[s] onde tudo fica atirado por todos os lados".

No primeiro relato de 1904, o frade francês se refere à última carta que enviara, quando tratou dos "indígenas" que visitou. Esta carta não se encontra transcrita no livro editado em 2007, mas pôde ser consultada no Fundo Bruno de Gillonnay no Museu dos Capuchinhos, em Caxias do Sul, e data de 16 de novembro de 1903. Neste documento, o frei relata que "empreendeu uma viagem para visitar aquelas tribus que vivem nas florestas do estado do Rio Grande", e que estas tribus tinham sido visitados por ministros protestantes. Segundo o documento, "Estes índios tem muito interesse" (*no que?*, ficamos a nos perguntar); e percebe-se que o religioso tem fé de que "Deus os ajudará para a glória e salvação destas pobres almas".

Voltando a carta de janeiro de 1904, o frei relata que, "Para evangeliza-los haveria que assumir uma nova paróquia, Lagoa Vermelha. O Bispo no-la oferece e aceitá-la significaria fechar a porta aos protestantes que perseguem os 'indígenas'". O "bispo" que se refere a carta possivelmente se trata do arcebispo de Porto Alegre, Ponce de Leão. Seu sucessor, D. João Becker aparece em uma foto (Figura 7) ao lado de um homem de terno e bigode e de alguns "Índios Coroados", e de fundo, algumas cabanas feitas de madeira. Assim, percebe-se que até as primeiras décadas do século XX, a cataquese dos indígenas foi assunto de interesse direto da Igreja Católica do Rio Grande do Sul.

Percebe-se, pelas cartas, que impedir que os protestantes iniciem o trabalho de catequese nesta localidade é um dos objetivos centrais da missão em Lagoa Vermelha. Em uma carta de 6 de março do mesmo ano, frei Bruno reitera este objetivo:

"Os índios (quase mil) que estão no território dessa paróquia foram visitados pelos missionários protestantes, os quais, de um dia para o outro, podem vir (eles tem licença) organizar a evangelização desses pobres infieis, para a vergonha eterna dos missionários católicos Capuchinhos que ai estão, há dois passos."<sup>77</sup>

A chegada dos missionários capuchinhos em Lagoa Vermelha foi um fato buscado pelo frei Bruno e "quase imposta por D. Cláudio"<sup>78</sup>. Bem, vemos o interesse dos freis saboianos nesta

---

77 Ibidem, p.281

78 D'APREMONT e GILLONNAY. op. cit.. p.59

paróquia pela possibilidade de catequisar os indígenas, e evitar que os protestantes o fizessem. Além disso, veremos outra motivação dos capuchinhos: "No território de Lagoa Vermelha formara-se, havia alguns anos, um considerável núcleo de colonização italiana, no lugar denominado Sananduva". Esta colônia italiana é parte de um segundo momento de expansão, quando são criadas novas colônias ao norte das primeiras, justamente na região que estavam estabelecidos, nessa época, os aldeamentos Kaingangs de Faustino e Fortunato Doble. Sobre as diversas ondas de dispersão da colonização italiana no RS, trago um trecho de Olívio Manfroi<sup>79</sup>, que faz parte de uma historiografia 'tradicional' sobre a imigração italiana, e foi escrita no centenário desta:

"A expansão efetuou-se, no início, na periferia das antigas colônias, tomando, em seguida, direções cada vez mais distantes. Assim, a fundação das colônias de Alfredo Chaves, Nova Prata, Nova Bassano, Antônio Prado, Guaporé, Encantado... marca a primeira etapa desta conquista, traçando a grande linha da expansão italiana: toda a região florestal situada entre os campos de Soledade, os campos de Vacaria até o vale do Rio Uruguai. De Guaporé e Alfredo Chaves a onda expansionista prosseguiu rumo às regiões florestais dos municípios de Passo Fundo (Casca, Vila Maria, Marau, Mato Castelhana, Agua Santa, Tapejara, Getúlio Vargas, Erexim) e de Lagoa Vermelha (Araçá, Chimarrão, Forquilha, Cacique Doble, Sananduva...)"

Vemos que há diversos interesses presentes na ação dos capuchinhos entre os indígenas. A 'tradição da ordem' no país é uma delas, a disputa com os missionários protestantes é outra, podemos apontar também a tensão entre a recém nascida República e a Igreja católica, que vê sua influência diminuir com o fim do Império.

Já tratamos aqui, de forma geral, sobre a política do estado de instalar colonos nas denominadas "terras vazias", onde, na verdade, habitavam grupos ameríndios. Assim, a interpretação que se apresenta aqui é a de que os frades capuchinhos eram um *instrumento* de expansão da empresa colonial. Como vimos, os indígenas frequentemente entravam em conflito com os colonos, e de modo geral, *atrapalhavam* o desenvolvimento dos núcleos coloniais, seja

---

79 MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no R. G. do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafsl; Instituto Estadual do Livro, 1975. p.82



importunando as propriedades rurais, seja por simplesmente *existirem* nos territórios cobiçados pela empresa colonizadora. De modo que o trabalho dos capuchinhos, de "catequese e civilização", serviam para "pacificar" os indígenas e apaziguar os conflitos com os colonos.

Em uma outra carta pesquisada no acervo do Museu dos Capuchinhos, em Caxias do Sul, o frei Bruno de Gillonnay cita os motivos porque aceitaram a paróquia de Lagoa Vermelha e a catequese dos índios: "Nossos superiores provinciais" – em Savóia – "aceitaram-no porque faz continuação à nossa paróquia de Vacaria e também porque ali é o lugar de uma nova colonização italiana, e que no futuro, esperamos que dê muitas vocações à nossa Ordem".<sup>80</sup> Para os capuchinhos, a paróquia de Lagoa Vermelha era uma oportunidade de atender mais fiéis, sejam eles "brasileiros", imigrantes católicos ou indígenas. Na perspectiva do projeto do Estado brasileiro em relação aos povos indígenas, os capuchinhos serviram para formar aldeamentos, *reduzir* o espaço ocupado por eles, e conseqüentemente, liberar espaço para os recém chegados colonos. Além de *explorar* o trabalho dos indígenas, a medida em que eles fossem "civilizados".

Como já vimos, o frei Bruno, para dar cabo a seu projeto de catequese, escreve alguns relatórios para o governador Dr. Carlos Barbosa Gonçalves e para o secretário Protásio Alves, em 1909. Após este contato, o Governador, em audiência com o dito frade, pede a relação das despesas do custo e instalação geral. Alguns dias mais tarde o diário oficial trazia o seguinte decreto:

"Decreto nº 1528 de 9 de outubro de 1909, abrindo um crédito extraordinário na importância de 5.800\$000, sobre o excedente do orçamento da Instrução Pública, a fim de promover no corrente exercício, a catequese dos índios de Lagoa Vermelha.

O Governador do Rio Grande do Sul,

- Considerando que chegou enfim o tempo de se servir, como fonte de trabalho, dos numerosos grupos de índios que vagueiam através das florestas do Estado;

- Considerando em segundo lugar que este trabalho deve ser preparado pela catequese dos ditos índios, mediante um ensino adequado e ministrado por pessoal escolhido para este fim[...]"<sup>81</sup>

---

80 Fundo fr. Bruno de Gillonnay, 30 dez. 1909. Muscap.

81 D'APREMONT e GILLONNAY, op. cit., p.74-75

Fica claro, lendo o decreto publicado pelo Governador após a requisição do frei Bruno, quais eram os objetivos do Estado nesta ação, de "se servir, como fonte de trabalho, dos numerosos grupos de índios que vagueiam através das florestas do Estado". Dessa forma, se liberavam muitas terras - que eram parte do território tradicional dos Kaingang, onde praticavam suas atividades de caça, de coleta e suas movimentações em busca de recursos sazonais, como o pinhão – para a colonização estrangeira. Por outro lado, se conseguia mais braços para a produção rural, incentivando a "civilização" e a economia do estado. Estes objetivos estão em sintonia com os debates que levaram à criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais, apenas um ano depois, que teria atuação nacional até ser substituída pela FUNAI em 1967, em meio a escândalos envolvendo seus funcionários.

### **3.2: "... e nisso são mais felizes que um rei em seu trono": Perspectivas sobre os Kaingangs na Imprensa Capuchinha.**

A pesquisa de fontes para esta monografia começou com uma visita ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, onde busquei a presença de indígenas em registros e correspondências policiais, porém, não encontrei provas suficientemente claras para serem trabalhadas. A visita, no entanto, não foi uma perda de tempo, pois recebi a indicação do Centro de Memória da Câmara municipal de Caxias do Sul, onde encontrei uma hemeroteca<sup>82</sup> contendo diversas publicações da imprensa publicada na região, inclusive mais antigas, como as que escolhi analisar nesta monografia: os jornais *La Libertà* (1909-1910) e *Il Colono Italiano* (1910). A busca foi efetuada utilizando termos em italiano, como *bugre, indi(o) ou indigena, e selvaggio*.

Cronologicamente, o primeiro resultado de relevância desta busca por termos se trata de um texto intitulado *Usi e costumi degli indiani (Bugres) Residenti nel Municipio di Lagoa Vermelha*, que pode ser traduzido como Usos e Costumes dos índios (bugres) residentes no Município de Lagoa Vermelha. Esse texto é assinado pelo Padre Enrico Poggi, foi escrito em 15 de janeiro de 1909, e "recebido e publicado" na 1ª edição do jornal *La Libertà*<sup>83</sup>, em 13 de

---

82 <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/15> (acessado em maio de 2019)

83 <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=65426&p=0> (acessado em maio de 2019)

fevereiro do mesmo ano. O texto não tem nenhum destaque na publicação, sendo colocado entre a terceira e a quarta página, (ou entre a penúltima e a última); o título não tem qualquer destaque visual, está escrito em italiano, e a digitalização disponível não permite ler algumas partes iniciais do texto. A análise do texto (e de outros subsequentes) a partir de uma perspectiva etnohistórica nos permite pensar como os Kaingangs estabelecidos nestas localidades *se pensavam* e agiam frente ao processo histórico da colonização de seus territórios, das investidas "civilizatórias" e do encontro com a cultura católica dos italianos. Para tal, é necessário, primeiro, analisar como os seus interlocutores, neste caso o Pe. Enrico, os descreviam. No trecho legível, se lê o seguinte:

"Há [...] Toldo [...] Fica há duas horas de distância da Colônia Caseros. Estes índios não tem nada mais de selvagem. Não se sabe a que raça pertencem, porque, como é investigado, a única conclusão é que eles são uma mistura de raças diferentes. Eles são inimigos amargos dos índios de Santa Catarina, dos quais eles não significam a linguagem e de que eles têm grande medo, sendo eles, o último, completamente selvagens, sanguinários e muito perigosos."

De primeira, o que chama a atenção do olhar etnohistórico é a ênfase dada pelo padre à questão da "raça", que pode ser explicada pela perspectiva *racialista* da ciência europeia e brasileira na época. Podemos supor também como os ameríndios responderiam à uma questão de um Padre europeu sobre a sua "raça"; é de se imaginar que fosse incompreendida. Com base na bibliografia sobre a história dos povos indígenas do nordeste do RS, percebe-se facilmente que se trata de uma parcialidade dos Kaingangs; tanto pela localização<sup>84</sup>, quanto pelo relato que são "inimigos amargos dos índios de Santa Catarina". Seria no mínimo estranho descrever, hoje, alguma etnia indígena pertencendo a algum Estado da federação, porém, no início do século XX, o padre se refere aos Botocudos desta maneira. O contexto sugere que as parcialidades que viviam no Rio Grande do Sul tinham sido vitimadas até quase a "extinção"<sup>85</sup>, enquanto que, ao norte do Mampituba, eles continuariam praticando correrias e assaltos; fazendo com que o

---

84 Sobre a relação da Colônia Caseros com o Aldeamento Santa Isabel em meados do século XIX ver: VIANNA, op. cit., p.79-99. Sobre o aldeamento do Cacique Doble (Yotoahê) em Caseros ver: DORNELLES, op. cit. p.89-90; e também: BRINGMANN e NÖTZOLD, op. cit. p.14. Sobre a luta pela terra dos indígenas de Caseros, ver SIMONIAN, Lígia T. L. *Toldo Monte Caseros: Terra de Índios*. Acervo Instituto Socioambiental, 1994.

85 Para o debate sobre a "extinção" dos botocudos no RS, ver livro de Lauro Cunha.

religioso considerasse *estes* os "verdadeiros selvagens", enquanto que os Kaingangs (não nomeados desse modo por ele), não teriam "nada mais de selvagem". Esta constatação é característica da visão do indígena na época, que como já foi demonstrado com o texto de Cíntia Rodrigues, se reduzia ao "bom selvagem" em vias de civilizar-se, e o "selvagem", violento e primitivo. Assim, para o padre Enrico Poggi, os "índios do Fachinal e colônia Caseros" estavam na primeira categoria. Ainda há outra evidência de que eram Kaingangs: "Eles chamam Deus pelo nome de *tope* e o mesmo nome dá ao sacerdote". Segundo o relato da antropóloga Clementine Marechal, em uma aula ministrada em maio de 2019, os Kaingangs do presente ainda se referem a *Deus* como *Tôpe*.

Quanto aos "usos e hábitos" dos indígenas, o texto traz algumas práticas que podemos identificar como 'tradicionais' dos kaingangs, como o nomadismo sazonal, a pesca, a coleta de frutos e raízes. que o padre expressa a partir de sua perspectiva, claramente ligada à ideia de "civilização":

"Suas vidas são completamente miseráveis. Eles têm um lugar onde residem uma parte do ano todos reunidos a partir de uma para outra parte do caminho que passa através do seu toldo (acampamento). Na época da fruta e da pesca partem toda a família em busca de comida. O único cultivo deles é o painço, mas eles plantam muito pouco, comendo-o então tostado, ou colocando os grãos no fogo a partir do qual extraem muito rapidamente com uma corda seca, fazendo-os saltar na boca de tão quente. Eles vivem da caça, frutas e raízes de ervas."

Nos parágrafos subsequentes se lê aspectos das relações de poder dentro da comunidade, que pode ser pensada tendo em vista o convívio dos aldeamentos com a Colônia Militar de Caseros, que ocorria já há mais de 50 anos. "Eles têm um chefe e sob ele (?) que pune aqueles que fazem alguma falta, amarrando-os numa árvore e batendo mais ou menos, de acordo com a gravidade das mesmas faltas". Nos falta pesquisa mais aprofundada para dizer o quanto estas práticas foram desenvolvidas na convivência com a Colônia, com a inserção de práticas militares na organização das aldeias, porém cabe dizer que, dentro das aldeias, em alguns casos até hoje<sup>86</sup>,

---

<sup>86</sup> Em seu trabalho de campo nas comunidades Kaingangs de Farroupilha contemporâneas, Marina Invernizzi observou essa prática: "Os Kaingang nos dias de hoje empregam inúmeras categorias políticas, as quais designam

existe uma hierarquia militar, que foi apropriada pelos Kaingangs para designar a sua organização política interna.



Figura 4 - Jovem índio sendo castigado s/d e s/l (Fotografias dos “Archives des Capucins” de Paris; Arquivo Savoie/11Y)

Nesse relato também se percebe a limitação da mobilidade dos Kaingangs, que estava sendo imposta de acordo com os objetivos da "civilização" e dos aldeamentos: "Não podem ir para fora de suas beiras e trazer-se entre os italianos sem a permissão de seu líder". Nos perguntamos se esse *líder* agia como agente do interesse dos brancos (fóg), ou seja, para que os Kaingang parassem de circular pelo seu território tradicional, que ia sendo ocupado por colonos.

---

diferentes níveis de autoridade no interior de cada comunidade. A exceção da categoria Cacique, todas as demais são derivações de títulos da hierarquia militar, do sistema dos brancos. [...] A atribuição do título de Capitão a indígenas aldeados remonta ao período colonial da história brasileira. No entanto, foi a legislação e a atuação indigenista do Império que disseminou entre os Kaingang o uso de categoria da hierarquia militar para designar suas autoridades." (FERNANDES, 2003, p. 160). Apud: INVERNIZZI, Marina. *Kaingang em territórios da bacia hidrográfica do Taquari-Antas e Cai, Rio Grande do Sul: relações socioculturais e ambientais*. UNIVATES: Dissertação de Mestrado, 2017. p.103

Ou ainda seria a situação mais complexa, no caso da incorporação de lógicas militares dentro das comunidades. A restrição da mobilidade também é relatado no seguinte trecho: "Quando um deles passa para visitar os amigos de outro toldo, o chefe o acompanha, pedindo seu passaporte para o assunto, do qual ela tem certeza de boa conduta."

Na sequência, o autor passa a descrever um casal de jovens indígenas que "não muito longe da minha casa estão construindo uma casa, que consiste em folhas de guaraná, verde, no chão nu, e tomam muito cuidado para mudá-los todos os dias, para que fiquem sempre frescos". Percebe-se a descrição de uma casa tradicional, já referida como *palhoça*. No final do texto, deixando o leitor com uma imagem do "bom selvagem", "manso" e "simples", o autor conclui: "Improvizando seu rancho solito, e nisso são mais felizes que um rei em seu trono".



Figura 5: Grupo de índios na Floresta de Sanaduva – 1905 (provavelmente foto feita por Fr.Bruno ou por Frei Raymond de Vovray-en-Bornes) ( Fotografias dos “Archives des Capucins” de Paris; Arquivo Savoie/11Y )

### 3.3: "Eles se vangloriam de ser índios, e com esse nome querem ser chamados".

Fazendo a leitura do primeiro relato de Pe. Enrico Poggi, publicado em fevereiro de 1909, podemos analisar a perspectiva que ele impõe, como autor do texto. Em um recorte sincrônico, vemos a visão de múltiplos *indigenismos*<sup>87</sup>, que eram aplicados ora nos debates, ora *na prática*, com grande diferença entre o *discurso* e a *ação* dos órgãos governamentais responsáveis, das ordens religiosas e de bugreiros nos sertões. Nos debates que levaram à criação do SPI, entre Von Ihering do museu paulista, e os positivistas representados por Rondon, se opuseram ideias de extermínio e de 'preservação', respectivamente. O órgão federal, criado em 1910 com o nome de SPILTN, iria "administrar" os locais de aldeamentos<sup>88</sup>, e, de acordo com a política expressa pelo decreto nº 1528, descrito anteriormente, utilizar-se dos trabalhadores – os indígenas.

Neste capítulo, até o presente momento, seguimos uma análise dos acontecimentos focando na ação ou na visão do estado, de religiosos e colonos, sobre as populações indígenas. Uma outra fonte pesquisada abre uma possibilidade para refletir como estes indígenas se viam e se colocavam frente às circunstâncias. Se trata da segunda carta enviada por Enrico Poggi ao *La Libertà*, número 27<sup>89</sup>, publicado em 14 de agosto de 1909, apenas 10 dias depois da data na carta. O texto não é assinado, apenas se deduz que vem do dito frei pela localização ("Lagôa Vermelha – Sananduva"), pelo conteúdo do texto, similar ao anterior, e pela frase que abre a carta: "Para dar sinal de que eu ainda estou vivo[...].". De fato, o texto traz o mesmo tom pejorativo ao se tratar do modo de vida dos Kaingang: "Agora todo mundo sabe que o caminho para sua vida inútil é a da caça, a pesca e os frutos do mar". Após esse juízo de valor preconceituoso, há a descrição de um *meio singular* que os *antigos Índios* tem:

"Os antigos Índios têm um meio singular para caçar: com algumas hastes entortadas eles circulam em torno de um pinheiro alto. Entram no círculo e assim apontando seus pés contra o pinheiro e as costas ao círculo que tem sob as axilas, e logo estão na parte

---

87 Sobre o conceito de *indigenismo*, ver LIMA, Antonio C. De S. *Um Grande Cerco de Paz*. Ed. Vozes, Petrópolis. 1995.: INDIGENISMO, política indigenista ou antropologia da administração? p.12-18

88 Dentro do recorte temporal desta monografia, o Posto Indígena de Cacique Doble é demarcado em 1911 (KUJAWA, Henrique e TEDESCO, João Carlos. *DEMARCAÇÕES DE TERRAS INDÍGENAS NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL E OS ATUAIS CONFLITOS TERRITORIAIS: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE TENSÕES SOCIAIS*. Tempos Históricos • Volume 18 • 2º Semestre de 2014 • p. 67-88 ISSN 1517-4689 (versão impressa) • 1983-1463 (versão eletrônica disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/11605-41781-1-PB.pdf>). 2014 p.72), e fica sob administração do SPI até o fim do órgão em 1967.

89 <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=65453&p=0> (acessado em maio de 2019)

superior [da árvore]. Lá em cima, eles montam sua gaiola; Eles colocam alguns galhos no meio dos ramos de pinho e fazer uma espécie de chalé, verdadeira gaiola, para não serem vistos, ligam então sobre um ramo do pinheiro (no alto) um papagaio para referência e ficam esperando a sua presa. Eles não usam armas pois não tem o dinheiro para comprar a munição; a flecha é a sua arma, e com estas flechas eles matam os papagaios e os pássaros que se aproximam lá, mas eles são tão destros, e tão seguros no golpe que para nós ele sucede uma maravilha."

Quando o autor diz que os indígenas "nada mais têm de selvagem", há uma intenção no uso do conceito de 'selvagem'. Obviamente é um termo depreciativo, que designa violência e barbárie, mas também, uma oposição ao *civilizado*, criando uma espécie de *outro*, que deve ser combatido. Porém, ao dizer que estes não são selvagens e aqueles (os "índios de Santa Catarina", hoje denominados Xokleng) são, estas palavras estão inseridas em um discurso "evolucionista", em que o "caminho natural" é o da civilização – ocidental. Esse tipo de discurso deve inserir as comunidades indígenas em uma "escala evolutiva", assim como a prática do estado também o faz. Por outro lado, a afirmação do frei também representa uma descaracterização dos indígenas, pois, ao afirmar que "não são mais selvagens", também está afirmando que logo se tornarão civilizados. O que é irônico, reflexo dos preconceitos da época, é que ao descrever uma prática tradicional, como a caça, o autor mesmo está presenciando e relatado a reprodução de um modo de vida tradicional.

O fato é que os Kaingangs estavam vivendo um momento de perda de terras e de imposição de costumes e de um modo de vida diferente. Os dois aspectos se manifestam na decisão de dividir lotes entre os indígenas, que não tinham o costume de definir a propriedade individual da terra. Cabe observar que nem todos os aspectos da sociedade ocidental desagradavam os indígenas do planalto; como sabemos, eles praticaram, durante o século XIX, assaltos a tropas e fazendas em busca de materiais, principalmente machados de ferro, pois era um item que serviria muito bem para os trabalhos cotidianos, ainda em uma lógica tradicional. No texto publicado em agosto de 1909, vemos que as armas de fogo também eram do interesse dos jovens índios: "Os jovens índios não gostariam de ser vistos com a flecha para não aparecer – selvagens – eles gostariam de usar um rifle da Fucco, mas suas riquezas não permitem tanto luxo."



O que mais fica evidente neste trecho, não é o interesse dos jovens por um *rifle da Fucco*, pois é evidente o uso que fariam de um, na caça, nos conflitos e no prestígio de possuir um objeto desse; mas sim o motivo descrito. O fato de não quererem aparecer "selvagens" indica que sofriam discriminação por portarem seus instrumentos tradicionais. Outra indicação deste trecho é que esses jovens indígenas circulavam por meios que não os seus, daí encontravam o estranhamento de brasileiros e imigrantes. A descrição dos procedimentos para sair da aldeia, relatados no subcapítulo anterior, também corroboram indiretamente esta hipótese.

O trecho subsequente merece uma atenção especial, pois se trata, no contexto da produção e circulação do documento, de um diálogo indireto entre indígenas e colonos italianos. Evidentemente, com o intermédio do frei Enrico Poggi, e com razão, devemos suspeitar de seu testemunho, pois, apesar de um provável interesse em descrever e até auxiliar os indígenas, ainda estava preso na estrutura de pensamento de sua época. A maneira como começa a frase parece com um diálogo informal, algo do cotidiano, também provoca reflexão sobre o objetivo do autor ao finalizar sua carta (aos leitores) com o seguinte recado:

"Lembre os leitores do *La Libertà* para não chamá-los de Bugres, porque eles se ofendem muito, pois para eles é uma palavra tão ruim, que significa em sua língua: animal imundo, eles se vangloriam de ser índios, e com este nome querem ser chamados."

De forma simples, no final de seu relato ao jornal, o autor pede para os seus leitores se lembrarem de não chama-los de *bugres*, pois os ofendem (aliás, até hoje). Podemos supôr que devia ser uma reclamação importante dos Kaingangs em contato com os colonos, pois, não estavam mais em guerra faziam algumas décadas, quando na verdade encontravam desprezo e discriminação. Outro aspecto intrigante é o por quê do uso da palavra *índio*, pois esta é um generalizante, um termo que não considera as diversidades entre os povos<sup>90</sup>. Por um lado, o termo *índio*, em comparação com *bugre*<sup>91</sup>, consistia em uma melhora no tratamento. Por outro lado, com

---

90 Ver ROSA, Francis Mary Soares Correia da. *A invenção do índio*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 257- 277, jul./dez. 2015

91 "Gli italiani non usarono il termine Bugre, ma chiamarono gli indios Bulgari. La cosa è sorprendente perché a quell'epoca l'etimologia di Bugre, da "bulgarus", era andata perduta, tanto che secondo alcuni Bugre in origini significava "schiavo" (Martinez, *Os índios Guayanãs*, in "Revista do Museu Paulista", 1904), mentre secondo altri riproduceva un grido acuto udito dai primi portughesi (Mabilde, *Apontamentos*). Colpisce perciò il fatto che i

os debates que levam à criação do SPILT, os "direitos" dos *índios* estavam sendo constituídos como política, e apenas quem fosse considerado como tal teria acesso aos *privilégios*. Como aponta Rojas, este processo ocorria em diversas situações em que o estado tinha políticas específicas para os indígenas: "La "pega" consistía en tener que seguir siendo indio para poder ocupar el lugar de privilegio, por lo que hace tiempo deberíamos haber comprendido que el problema no era "ser indio", sino ser indio pobre".<sup>92</sup>

Para entender o uso do termo "índio" nesse contexto, trazemos o conceito de "etnogênese", a partir da escrita de John Monteiro. Em sua tese de livre docência, o autor apresenta uma pesquisa sobre diversos etnônimos no Brasil Colonial, fazendo um balanço entre a dramática crise demográfica pós-contato e o surgimento de novas categorias sociais entre os indígenas. Monteiro faz parte de uma corrente historiográfica, a Nova História Indígena (com a qual esse trabalho se identifica) que buscou - e busca - "reconhecer as lideranças indígenas enquanto sujeitos capazes de traçar a sua própria história", porém, sem diminuir o impacto destrutivo da colonização, já "que as escolhas pós-contato sempre foram condicionadas por uma série de fatores postos em marcha com a chegada e expansão dos europeus em terras americanas".

Assim, o uso do termo "índio" pelos Kaingang em contato com o frei capuchinho, pode ser entendido como uma maneira de os indígenas afirmarem sua identidade, buscando consolidar seu lugar no contexto da colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. Sobre a etnogênese nesse contexto, trazemos um trecho elucidativo:

Finalmente, é preciso prestar mais atenção às novas categorias sociais que foram constituídas no bojo da sociedade colonial, sobretudo os marcadores étnicos genéricos,

---

coloni italiani abbiano colto così bene il significato di Bugre le di fine Ottocento manteneva ancora il significato medievale di eretico e di vizioso (in tutti accezioni, compresa quella di sodomita), e insieme di zotico e di selvaggio (Petkanov, *Bulgar(us)*. 1981). (BRUNELLO, op. cit. p.21) / [Os italianos não usam o termo Bugre, mas eles chamaram os índios búlgaros. A coisa é surpreendente porque naquela época a etimologia de bugre, de "Bulgarus", foi perdido, tanto que de acordo com alguns, Bugre em origens significava "escravo" (Martinez, os índios Guayanãs, em "revista do Museu Paulista", 1904), enquanto de acordo com outros, reproduz um grito agudo ouvido pelo início Portugueses (Mabilde, Apontamentos). Por isso, atinge o fato de que os colonos italianos têm compreendido tão bem o significado de bugre do final do século XIX, ainda manteve o significado medieval de herege e vicioso (em todos os sentidos, incluindo o de sodomita), e conjunto de exótico e selvagem (Petkanov, *Bulgar(us)*. 1981).]

92 ROJAS, op. cit. p.111

tais como "carijós", "tapuios" ou, no limite, "índios" Se estes novos termos no mais das vezes refletiam as estratégias coloniais de controle e as políticas de assimilação que buscavam diluir a diversidade étnica, ao mesmo tempo se tornaram referências importantes para a própria população indígena.<sup>93</sup>

Além de nossas hipóteses sobre o relato publicado no jornal *La Libertà*, o fato é que ele circulou entre imigrantes italianos, pois era publicado em Caxias do Sul (até o número 45, e depois em Garibaldi), e dali, circulava entre as diversas colônias. Textos como este ajudavam a constituir, no espaço colonial, a visão sobre quem eram os *índios*, seres "primitivos" e "selvagens", ou os "bons selvagens" a caminho da "civilização".

Muito mais que isso, este trecho nos permite pensar como os Kaingangs do Faxinal e colônia Caseros, - e posteriormente do aldeamento do Cacique Doble - se pensavam enquanto sujeitos dentro da recém criada República, que em muitos aspectos, ainda parecia o velho Império e Colônia, mas em outros trazia mudanças significativas, tanto para as culturas ameríndias quanto para os que acreditavam fielmente no seu fim. Também nos permite vislumbrar sujeitos *muito orgulhosos de serem índios*, termo que os descrevia melhor do que qualquer outro que eram chamados. Assim, se percebe como, mesmo nos pequenos detalhes, e ainda mediados por um agente da "sociedade nacional", os indígenas produzem suas ações e demonstram seus desejos, no intuito, não de tornarem-se civilizados, mas de obterem uma vida melhor através dos artefatos disponíveis, seja uma ferramenta industrializada ou o diálogo com o público de um jornal local.

### 3.4: A "Visita Inesperada" e seus desdobramentos

Como já foi mencionado no subcapítulo 2.4, esta pesquisa seguiu a narrativa trazida pelo jornal *La Libertà* nº47<sup>94</sup>, publicado em 29 de janeiro de 1910. Esse texto relata a visita – inesperada – do cacique (Pã'í) Fortunato Doble, ocorrida no "dia 20 do corrente mês". É

---

93 MONTEIRO, John M. "Entre o etnocídio e a etnogênese: identidades indígenas coloniais". In: idem. - *Tupis, tapuias e historiadores*-, estados de História Indígena e do Indigenista o. Tese de Livre-docência em Etnologia, Departamento de Antropologia da Unicamp. Campinas, 2001. p.58

94 Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=25704&p=0> (acessado em maio de 2019)

apresentado primeiramente o "Sr. Ricardo Zeni, encarregado do Estado da instrução e catequese dos índios moradores da selva do município de Lagoa Vermelha"; para então dizer que, em sua companhia, estava o "senhor Fortunato Doble, capitão (*capo*) dos ditos índios". Na sequência do texto fica evidente a curiosidade daqueles que receberam essa "visita inesperada":

"Depois do recebimento preliminar, deixamos todos sentar, logo nos sentimos cheios de curiosidade de saber qualquer coisa dos índios daquele capitão, e entregando esta nossa, porém bem justificada curiosidade, lhe perguntamos: - Quantas famílias tem Sr. Chefe ? A essa pergunta ele se fez de perplexo e embaraçado, sem responder, Nos vem o pensamento de sermos sido indiscretos com a pergunta e que ele não soubesse responder, ou fazer conhecer quantas famílias sob o seu comando, mas não era esse o motivo do embaraço, aconteceu logo o Sr. Ricardo Zeni explicando: Os índios ainda não conhecem os números, por isso a confusão. Há sob ele cerca de cem famílias. Conhecida a perplexidade do Sr. chefe Doble pediram-lhe: Conhece toda a sua gente? Sim a conheço respondeu, Todos lhe obedecem? Sim, mas nem sempre, e quando não lhe obedece , Castiga-os? Sim, como quando alguém rouba um porco, amarro as mãos dele nas costas e o deixo três dias e três noites e depois o solto e o mando trabalhar para pagar o porco roubado. No tempo que o delinquente fica preso é dado de comer? Resposta: Muito pouco, mas não é forte o castigo? Sim mas a culpa não é minha é da cabeça dele que não anda direito. Seguem as perguntas ao Chefe índio: É contente com o seu professor? Sim, estou disposta a dar a minha vida por ele. E os seus súditos estão contentes com os seus professores? Responde: Todos..”

A natureza das respostas de Fortunato Doble às perguntas serão tratadas mais adiante, na análise dos desdobramentos dessa visita. Por ora, é de destacar, seguindo o texto, os incríveis presentes que dão ao cacique:

“Enfim o Chefe posa com os presentes, um relógio dourado, aceito timidamente ainda que não acreditasse que lho haviam presenteado, tendo o relógio no braço esquerdo, ergueu o seu direito dizendo: Deus ajude pelo presente que me deram. Depois deram-lhe também um binóculo, explicando o uso do mesmo, mas não era possível fazê-lo entender. Finalmente metemos o binóculo nos olhos dele e nos retiramos de seu ângulo oposto do lugar, então ele exclamou cheio de maravilhas: É verdade eu vejo o sr. Aqui perto.”

Esses presentes, dentro da lógica de relações entre conjuntos<sup>95</sup>, poderiam representar a aproximação desejada entre os capuchinhos que publicam o *La Libertà* e os Kaingang, mediada pela pessoa do colono Ricardo Zeni. Podemos pensar o que significaram o relógio de ouro e o binóculo para o Pã'í Fortunato, se eram um sinal de aliança, um ato que simbolizaria o apoio, talvez do estado<sup>96</sup>, ao grupo sob sua liderança. Para os que presentearam, significava uma aproximação com toda a comunidade Kaingang sob o comando do Pã'í, pois segundo Bringmann e Nötzold:

Entre os pesquisadores da temática, há praticamente um consenso em afirmar que na relação dos *Kaingang* com seus líderes, havia uma forte ligação, a ponto de dificultar sobremaneira as tentativas de atração e civilização, não somente pelos missionários jesuítas, mas igualmente pelas autoridades políticas e policiais.<sup>97</sup>

Após a narrativa do momento de hospitalidade e curiosidade, o texto faz uma apologia ao trabalho de *instrução e catequese* do professor Ricardo Zeni, que faz "as lições sob uma árvore e tem mais de cem alunos". A apologia também vai aos apoiadores desta empreitada, entre eles o vigário de Lagoa Vermelha Padre Enrico Poggi, Frei Bruno de Gillonnay, o presidente do Estado, o chefe de Polícia "nesta região". De todos esses, apenas o papel do chefe de polícia não fica claro dentro da narrativa apresentada aqui; podemos supôr que ele tinha alguma relação com os Kaingangs, provavelmente devido aos conflitos que ocorriam entre estes e os colonos.

A lista de agradecimentos, surpreendentemente, não acaba nesta edição. Em de 19 de fevereiro de 1910, no número 50<sup>98</sup> do jornal *La Libertà*, Ricardo Zeni faz um agradecimento "as generosas e caras pessoas que de forma benigna se dignaram a dar de cobrir os pobres índios desta área". Essas pessoas seriam famílias de diversas localidades nas Colônias ("Roca Salles, Garibaldi, Encantado, General Osório etc...") que fizeram doações à missão coordenada pelo

---

95 Rojas, op. cit. p.35

96 "A segunda dessas lideranças [refere-se a Fortunato] até estabeleceu aliança com o catequista Ricardo Zeni, a quem provavelmente tomou como representante do Governo, e aceitou mudar-se com seu grupo mais para próximo das nascentes do rio Forquilha, pois era uma das lideranças subordinadas de Faustino Doble." (LAROQUE, 2006. p.173)

97 BRINGMANN e NÖTZOLD, op. cit., p.4

98 Disponível em <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=65422&p=0> (acessado em maio de 2019)

catequista leigo. Desta leitura se pode afirmar que Ricardo Zeni e o Pã'i Fortunato viajaram por diversas localidades ao encontro das "pessoas que de forma benigna se dignaram a dar de cobrir os pobres índios desta área *cuja falta ora venho suprir*."

No mesmo texto Ricardo Zeni afirma que seu "companheiro de viagem Fortunato Doble não termina mais de contar as coisas vistas"; pois então, deveria estar consciente de que viajava pelo território que seus antepassados percorreram poucas décadas antes, e agora estava sendo transformado por milhares de imigrantes italianos. Ao chegar de volta para o Toldo com as coisas recebidas, os indígenas "gritavam na própria língua: "GHI MAREA TOPE AMACAINW IL" que quer dizer: Deus abencoe os benfeitores", segundo os próprios texto.

Esta carta não foi a única repercussão da visita inesperada neste jornal. Na edição número 8<sup>99</sup> do jornal *Il Colono Italiano*, (um novo nome para o *La Libertà*), publicado em 30 de abril de 1910, encontramos um texto, cujo título (mais destacado que os demais) é "Mettiamo le cose a loro posto/Coloquemos as coisas no seu devido lugar". Este texto foi escrito como uma resposta a duas publicações do município de Lagoa Vermelha: do "Íris (Jornal Republicano) no dia 15 do corrente mês", que, por sua vez, trata de uma matéria publicada por *Aldebaran* (um pseudônimo) em outro jornal, o "Independente n°867 de 3 do corrente mês atinente a catequese dos silvícolas".

O texto escrito por *Aldebaran* tem uma visão diferente do texto original "Visita Inesperada". Esse pseudônimo não vê com bons olhos as respostas do cacique Fortunato: "É de notar que estas respostas foram dadas pelo Sr. Fortunato Doble com tanta presteza, persuasão e ênfase, que é de levantar suspeitas pela presepça do Sr. Ricardo Zeni". Porém, Fortunato, a partir de sua qualidade como *capo*, (capitão, ou seja, liderança kaingang) respondeu as perguntas com um certa sutileza diplomática, pois representa alguns interesses de sua comunidade com uma aliança com os freis, e conseqüentemente, com o estado. Uma prova de que o cacique não inventa as suas respostas está na Figura 4 desta monografia, onde surge, impassível, um jovem indígena amarrado pelos pés e pelas mãos, em um castigo não muito diferente do descrito por Fortunato; de fundo se observa uma silhueta característica de matas de araucárias.

Como vimos, o pseudônimo expressa desconfiança com o Pã'í Kaingang, e de fato com os indígenas no geral, pois afirma o seguinte: "Não sabemos de qual modo ele [Ricardo Zeni] foi

---

99 Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=65379&p=0> (acesso em Junho de 2019)

recebido pelos índios, mas supomos que tenha sido recebido com má vontade e somente atendendo aos conselhos que lhe dera o distinto Indendente Municipal Coronel Heodoro Branco..". Aqui parece que o autor busca valorizar o papel do Indendente Municipal, talvez ligado ao PRR; aparecendo mais uma vez a disputa entre religiosos e autoridades estatais. Outras formulações sobre os indígenas presentes no texto se mostram mais próximas de uma perspectiva de conflito com estes:

"Se, pois, a suposição que momentaneamente temos feito não corresponde a verdade e isto julgamos mais verossímil a que escobo o pseudônimo Aldebaram escreve, a colonização é inimiga dos silvícolas e estes em seu espírito de vingança também a hostilizam quando lhes é dado fazer".

O articulista do *Íris* não foi o único que publicou um texto tratando da hostilidade dos indígenas. Ainda em 1909, na edição 31<sup>100</sup>, de 11 de setembro, outro pseudônimo dá um relato sobre as relações na Colônia Caseros, dando título de "Outra observação sobre nossos Selvagens". Esse texto parte de uma posição clara de que a cultura originária iria desaparecer, e estes virariam "colonos úteis" ou "vão juntar aos vilões", "roubando e danificando os vizinhos"; e "uma pessoa importante deste município" expressou ao autor a "sua opinião sobre os Bugres: [...] que agora eles também iriam deixar seus costumes em breve eles seriam misturados com os nossos e assim desapareceria sua raça." Acredito que essas palavras falam por si, quanto à hostilidade que também tinham os brasileiros e italianos com os Kaingangs e seu modo de vida originário.

Percebemos que existiam conflitos com os colonos, e podemos elencar um motivo fundamental sendo a relação com a terra, especialmente a não valorização da propriedade privada da terra, por parte dos Kaingangs que mantinham aspectos de seu modo de vida tradicional. Há milhares de anos que vivem de forma que não há fronteiras ou cercas, o território é *livre* para a circulação e coleta de alimentos e caça. Porém o avanço do capitalismo como forma de exploração da terra transformou uma área de circulação *livre* em terras devolutas, e estas, em lotes para *proprietários*. É desse modo também, que opera a missão de catequese entre os

---

100Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=65457&p=0> (acesso em junho de 2019)

Kaingang, segundo carta enviada por frei Bruno de Gillonnay ao presidente da província Dr. Carlos Barbosa<sup>101</sup>, nas negociações para o estabelecimento da catequese dos indígenas no município de Lagoa Vermelha.



Figura 6 - Foto intitulada "Índios" onde se vê ao fundo a figura de um frei Capuchinho. Arquivo Savoie 13Y, "Archives des Capucins" de Paris

---

101"Passo agora a enunciar os meios a empregar para civilizar e moralizar este povo e, acredito que poderemos obter excelentes resultados nas seguintes condições:

- a) Os índios mesmos pedem ao Governo reconhecer-lhes como propriedade uma área de terra que sempre ocuparam, situada entre o rio Carazinho, a leste, e o rio Lajeado, a oeste; a superfície é de duas léguas quadradas, mais ou menos.
- b) O território cedido aos índios deverá ser dividido em lotes, de modo que cada um seja proprietário do lote que ocupa e cultiva; todavia, não se lhe deve conceder o direito de vendê-lo, porque o índio venderia imediatamente, para ter um dinheirinho." (D"APREMONT e GILLONNAY, op. cit. p.73)





Figura 7 – Lê-se “Índios Coroados ~ Sua Excia. D. João Becker ~ R. P. Geraldo, E. M. G.” Acervo Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul

## CONCLUSÃO

No decorrer desta monografia, nos deparamos com diversas situações de contato entre indígenas, "nacionais" e imigrantes europeus. As nuances desse contato são múltiplas, indo da colaboração ao extermínio, e se as fronteiras étnicas algumas vezes não são muito claras, outras vezes são ressaltadas por comportamentos específicos e políticas de estado.

As fontes produzidas pela missão capuchinha, que chega ao Rio Grande do Sul em 1896, explicitam seu papel um tanto ambíguo em relação aos Kaingang, com quem entraram em contato a partir de 1903. Por um lado, buscavam "oferecer" catequese aos "pobres índios", com objetivos de frear a ação dos protestantes, continuar a tradição da ordem e angariar mais "almas" para a missão. Por outro lado, ao interceder junto ao presidente do Estado, o frei Bruno de Gillonnay serviu como um mediador importante entre a sociedade nacional e os Kaingangs de Colônia Caseros e do Faxinal.

O fato é que, a ação deste frei resultou na mudança dos Kaingangs para um novo território demarcado, que foi nomeado Cacique Doble, ao norte de Lagoa Vermelha. Colocado de outra maneira, o que se lê nas fontes a partir de uma visão etnohistórica que considere a atuação de distintos conjuntos culturais, é um trabalho dos religiosos de convencimento dos Kaingang, para deixarem as terras que ocupavam até aquele momento, e se realocarem ao norte, em um lugar afastado das novas colônias que iam se estabelecendo.

Lendo com atenção os jornais publicados nas colônias italianas, foi possível perceber nuances de uma *ação indígena*. Comprometidos com o projeto de catequese, os capuchinhos descreveram e até deram voz aos indígenas aldeados. Esse aspecto é mais perceptível quando o frei pede aos seus leitores, colonos italianos na Serra Gaúcha, que não chamem os Kaingangs de Bugres, pois isso os ofende, já que se consideram índios, e disso se vangloriam.

Também fica bem claro os discurso *evolucionista*, e que os freis acreditam que sua ação, junto com a do Estado, transformará os "pobres índios" em trabalhadores do campo, bons cristãos que ajudarão no progresso da nação. Nessa atuação ambígua, que ora submete os indígenas, ora intercede por eles, há uma clara visão paternalista para com as comunidades ameríndias. Essa visão condiz com os debates entre religiosos e positivistas quanto ao futuro dos povos indígenas

no Brasil nas duas primeiras décadas do século XX<sup>102</sup>.

Assim, historicamente o projeto catequista dos capuchinhos é um tanto anacrônico, pois já estava datado pela nova política indigenista, representada pela criação do SPILT. Mas na prática, a intervenção desses freis estrangeiros foi vista como uma oportunidade de angariar benefícios por uma das lideranças Kaingang, o "capitão" Fortunato Doble. Este personagem, talvez mais ainda que os freis, é o responsável por uma interação inusitada (ou, *inesperada*) entre indígenas Kaingangs e colonos italianos. A sua visita, fio que guia uma das narrativas desta monografia, levanta muitos questionamentos sobre como os colonos viam os Kaingang, e, talvez mais importante, como a organização político-social-cosmológica dessa etnia gerava novos modos de contato com essa nova frente colonizadora.

Alguns desses questionamentos foram destrinchados no decorrer desta monografia, enquanto outros, por falta de pesquisa mais aprofundada, não puderam ser. Desse modo, é importante ressaltar o caráter ainda em aberto desta *história*, que ainda oferece muitas possibilidades de pesquisa histórica. Não somente sobre o contato entre colonos italianos e Kaingangs, mas todo um período que vai da chegada dos colonos, seu estabelecimento, o surgimento do SPI e sua atuação nas áreas Kaingangs do Rio Grande do Sul durante as primeiras décadas do século XX.

No começo, esperava encontrar conflitos violentos e uma resistência 'sobre-humana' por parte dos indígenas. Porém o que encontrei foram diversas situações diferentes no contato entre Kaingangs e colonos, e apesar da desigualdade dos fatores que compunham os diferentes *conjuntos* humanos, a violência não era a regra dessas relações (porém, estava longe de ser a exceção). Na verdade, encontramos relações que podemos definir como de *caridade* e de *exploração*.

Para não passar em branco, me permito descrever um evento que ultrapassa o recorte temporal, e pela natureza indireta da fonte que o descreve, preferi não abordá-lo no corpo do trabalho. Se trata da construção de uma segunda escola junto com uma moradia para o professor, desta vez no toldo de Ligeiro, em Sananduva no ano de 1918. Segundo a bibliografia, esse Toldo pertencia a uma parcialidade diferente dos Kaingangs, historicamente separada das de Faxinal e

---

102 FREIRE, Carlos A. R. (org.). *Memória do SPI. Textos, imagens e documentos sobre o serviço de proteção aos índios (1910-1967)*. Museu do Índio-Funai, Rio de Janeiro. 2011

Colônia Caseros<sup>103</sup>. Porém, essa missão tem um fim súbito, pois "algum tempo depois", tanto a escola quanto a casa do professor são incendiadas<sup>104</sup>. Trago essa fonte para deixar claro que, não pretendo descrever um padrão no comportamento e nas ações dos Kaingang ou dos italianos em contato, pois, cada grupo produz ações históricas distintas, de acordo com suas *próprias historicidades*.

Ao fim, relato que essa pesquisa trouxe uma provocação para a história indígena, pelo menos como eu a percebia até agora. Os personagens desta e de outras narrativas sobre os povos indígenas são seres humanos, e continuam sendo mesmo que ignoremos esse fato e lhe impomos características próprias. Os indígenas, históricos e do presente, muitas vezes nos surpreendem com suas contradições, mas isso ocorre principalmente porque nos aproximamos deles com uma visão pré-concebida de *como devem ser esses índios*<sup>105</sup>. Ao realizar essa pesquisa e monografia, acredito ter colaborado por uma historiografia que contemple os sujeitos indígenas como seres humanos, cuja existência é a vida de uma história cultural<sup>106</sup> de milhares de anos na serra e no planalto meridional brasileiro.

---

103"Uma informação importante de se registrar sobre o período é quanto ao Toldo de Ligeiro fundado entre os anos de 1846 e 1850, a oeste da colônia de Sananduva, município de Lagoa Vermelha Becker (1995). Os dados são, praticamente, os mesmos descritos para o aldeamento de Campo do Meio, quanto ao número de pessoas. Em 1998, em entrevista com o ex. cacique Leonidio Braga, descendente da família Braga do século XIX. Braga falava que o Ligeiro foi dado para eles depois de uma briga entre os Braga e Doble." (BRAGA, op. cit. p.40)

104Descrição retirada de um livro de 1969 sobre a história do município de Marau, escrito pelo Padre Elpidio Fialho, encontrado no mesmo Fundo Fr. Bruno de Gillonnay, pesquisado no Muscap em Caxias do Sul.

105RAMOS, Alcida. *O índio hiper-real*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Volume 10, N. 28, São Paulo, 1995. p.5-14.

106"Durante muito tempo, antropólogos e historiadores foram iludidos por uma certa mística da dominação ocidental: a idéia pretensiosa de que a expansão mundial do capitalismo levaria ao fim de todas as outras formas de história cultural." (SAHLINS, M. *Cosmologias do Capitalismo*. In: *Cultura na Prática*, Zahar, 2003 . p.449)

## REFERÊNCIAS:

### Fontes:

Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul: “Archives des Capucins” de Paris.

\_\_\_\_\_ : Coleção Frei Bruno de Gillonnay, Acervo MusCap.

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Caxias do Sul (AHCM): Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul (disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>)

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho: Biblioteca e Mapoteca

### Jornais:

IL COLONO ITALIANO. Garibaldi (Conde D'Eu), n.2, 19 mar. 1910

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.8, 30 abr. 1910

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.23, 13 ago. 1910

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.34, 29 set. 1910

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.38, 26 nov. 1910

LÁ LIBERTÁ. Caxias do Sul, n.1, 13 fev. 1909

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.23, 17 jul. 1909

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.27, 14 ago. 1909

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.29, 28 ago. 1909

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.31, 11 set. 1909

\_\_\_\_\_. Garibaldi (Conde D'Eu). n.47, 29 jan. 1910

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. n.50, 19 fev. 1910

### Bibliografia:

ALMEIDA, Manoel. *A Expansão das Florestas de Araucaria angustifolia no Sul do Brasil Uma Visão Antropocêntrica*. IHGB-PR. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325743930>

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.
- AMORIM, Christiano Schaufert de. *Arquitetura do silêncio: o indígena e a escrita, relações de civilização e extermínio*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 2002
- ARÓSTEGUI, Julio. *La investigación histórica: Teoría y Método*. Barcelona, Crítica, 1995.
- BAO, Carlos Eduardo. *Italianidade como diferença: Identidade Étnica, Colonialidade e Imaginário Eurocêntrico*. *Temáticas*, Campinas, 23, (45/46): 209-230, fev./dez. 2015
- BARCELOS, A. H. F. . *História, memória e patrimônio: o local de morte do Padre Cristóvão de Mendonça nas terras do Sul do Brasil*. In: Odair da Cruz Paiva; Elisabete Leal. (Org.). *Patrimônio e História*. 1ed.Londrina: UNIFIL, 2014, v. 01, p. 113-123.
- BRAGA, Danilo. *A história dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: Do Silêncio, à reação, a reconquista e a volta pra casa (1940-2002)*. UFRGS, PPGHIST. Terra Indígena Serrinha, 2015.
- BRINGMANN, Sandor Fernando. *Índios, Colonos e Fazendeiros: Conflitos interculturais e Resistência Kaingang nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (1829-1860)*. UFSC – Programa de pós-graduação em História, 2010.
- BRUNELLO, Piero. *Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della frontiera*. Roma: Donzelli Editore, 1994..
- CLEMENTE, Elvo e UNGARETTI, Maura. *História de Garibaldi: 1870- 1993*. EDIPUCRS, 1993
- MARECHAL, Clementine. *"Eu luto desde que me conheço como gente" : territorialidades e cosmopolítica Kanhgág enfrentando o poder colonial no sul do Brasil*. UFRGS - PPGAS, Dissertação de Mestrado, 2015
- COMBÉS, Isabelle. *¿Indios y Blancos? Hacer (Etno)Historia en las tierras bajas de Bolivia*. *Boletín Americanista*, Año LX.1, nº 60, Barcelona, 2010
- COPE, Silvia Moehlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. **Estud. av.**, São Paulo , v. 29, n. 83, p. 149-171, Apr. 2015 . Disponível em:  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142015000100149&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000100149&lng=en&nrm=iso)>. acessado em Junho de 2019.
- CRUZ, Heloisa; Peixoto, Maria do Rosário. *Na oficina do historiador: Conversas sobre história e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007

CUNHA, Lauro Pereira da. *Índios Botocudos nos campos de cima da Serra*. Evangraf, Porto Alegre 2017

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Mabilde e seus "Apontamentos" sobre os coroados selvagens: tentando separar informação de mistificação e preconceitos*. Texto apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia (Goiânia, 11 a 14 jun 2006), no GT 48: Saberes coloniais sobre os indígenas em exame: relatos de viagem, mapas, censos e iconografia.

\_\_\_\_\_. *O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): Valor e uso da documentação etnográfica*. Originalmente preparado e apresentado, sinteticamente, como conferência de encerramento do 3º Encontro Macro-Jê (Brasília, LALI-UnB, 3 a 6 de dezembro de 2003).

\_\_\_\_\_. *Toldo Chimbangue: história e luta Kaingang em Santa Catarina*. 1a. ed. Xanxerê (SC): Cimi Regional Sul, 1984. v. único. 108p .

D'APREMONT, Bernadin; GUILLONNAY, Bruno de. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul, por Bernardin D'Apremont e Bruno de Guillonnay*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976.

DORNELLES, Soraia Sales. *De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX*. UFRGS – PPGHIST: 2011

\_\_\_\_\_. *Encontros e (des)encontros ao "fazer a América": indígenas e imigrantes no Rio Grande do Sul do século XIX*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

FRANCISCO, Aline Ramos. *Selvagens e intrusos em seu próprio território: a expropriação do território Jê no sul do Brasil (1808-1875)*. São Leopoldo, PPGH/ UNISINOS, Dissertação de Mestrado, 2006.

FREIRE, Carlos A. R. (org.). *Memória do SPI. Textos, imagens e documentos sobre o serviço de proteção aos índios (1910-1967)*. Museu do Índio-Funai, Rio de Janeiro. 2011

GARDELIN, Mário (org.) *Presença índia na história de Caxias*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2000.

GILLONNAY, Bruno de. *Igreja e os Capuchinhos no Rio Grande do Sul (1895- 1909): Correspondências de Frei Bruno de Gillonnay*. Porto Alegre, EST, 2007.

INVERNIZZI, Marina. *Historicidade Kaingang na Terra indígena Pó Nãnh Mág, em Farroupilha/RS*. UNIVATES, Curso de Licenciatura em História. Monografia: 2015.

\_\_\_\_\_. *Kaingang em territórios da bacia hidrográfica do Taquari-Antas e Cai, Rio Grande do Sul: relações socioculturais e ambientais*. UNIVATES: Dissertação de Mestrado, 2017.

KUHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, XXI, 2004

KUJAWA, Henrique e TEDESCO, João Carlos. *DEMARCAÇÕES DE TERRAS INDÍGENAS NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL E OS ATUAIS CONFLITOS TERRITORIAIS: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE TENSÕES SOCIAIS*. Tempos Históricos • Volume 18 • 2º Semestre de 2014 • p. 67-88 ISSN 1517-4689 (versão impressa) • 1983-1463 (versão eletrônica disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/11605-41781-1-PB.pdf>). 2014

LAPPE, Emelí & LAROQUE, Luís Fernando da Silva. *Indígenas e Natureza: a reciprocidade entre os Kaingang e a natureza nas Terras Indígenas Por Fi Gá, Jamã Tÿ Tãnh e Foxá*. Desenvolv. Meio Ambiente, v. 34, p. 147-156, ago. 2015.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva. *Lideranças Kaingang no Brasil Meridional(1808-1889): uma história que também merece ser contada*. UNISINOS: Dissertação de Mestrado, 2000.

\_\_\_\_\_. *Fronteiras Geográficas, Étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930)*. Pesquisas / Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo: Unisinos, 2007. 343p. (Antropologia; n.64)

LIMA, Antonio C. De S. *Um Grande Cerco de Paz*. Ed. Vozes, Petrópolis. 1995

LORANDI, Ana María. *¿Etnohistoria, Antropología Histórica o simplemente Historia?* Memoria Americana 20 (1), enero-junio 2012: 17-34

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no R. G. do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Graf sul; Instituto Estadual do Livro, 1975

MATTOS, Izabel Missagia de. *O indigenismo na transição para a república: fundamentos do SPILTIN*. IN: *Memória do SPI. Textos, imagens e documentos sobre o serviço de proteção aos índios (1910-1967)*. Freire, Carlos A. R. (org.). Museu do Índio-Funai, Rio de Janeiro. 2011

MINUZZO, Maurício Machado. *Notas para uma história ameríndia nos Campos da Vacaria e de Cima da Serra, Rio Grande de São Pedro (1727-1851)* UFRGS: Monografia, 2010.

MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de História indígena e do indigenismo*. Tese de Livre Docência. Campinas, Unicamp, 2001.

MOREIRA, Vânia Maria L. *Vazios demográficos ou territórios indígenas?* DIMENSÕES – Vol.11 – Julho/Dezembro de 2000.

NEUMANN, Eduardo. S. A fronteira tripartida: a formação do Continente do Rio Grande –século



XVIII, In: GRIJÓ, Luis Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004a. p.25-46

NÖTZOLD, Ana Lucia Vulfe ; BRINGMANN, Sandor Fernando. *Inteligente, Dissimulado ou Perverso? O cacique Doble na visão das autoridades provinciais sul-rio-grandenses (Século XIX)*. Cadernos do CEOM (UNOESC) , v. 1, p. 17-39, 2010.

\_\_\_\_\_. *O que fazer com os bugres? Discursos sobre a civilização e a catequese dos Kaingang no Rio Grande do Sul do século XIX*. Mnemosine Revista, Volume 1, N. 2, Jul/Dez 2010

RAMOS, Alcida. *O índio hiper-real*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Volume 10, N. 28, São Paulo, 1995. p.5-14.

RODRIGUES, Cíntia Régia. *A imprensa Rio Grandense na Construção da Imagem do Índio*. Biblos (Rio Grande) Furg - Rio Grande/RS, v. 16, p. 73-86, 2004.

ROJAS, José Luis de. "La etnohistória de América. Los indígenas, protagonistas de su história". SB: Buenos Aires, 2008.

ROSA, Francis Mary Soares Correia da. *A invenção do índio*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 257- 277, jul./dez. 2015

SAHLINHS, Marshall. *Ilhas de História*. Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cultura e razão Prática*. Zahar. 2003.

\_\_\_\_\_. *Cosmologias do Capitalismo e Iluminismo Antropológico*. In: *Cultura na Prática*, Editora UFRJ, 2004.

SANTOS, Maria Cristina dos. e FELIPPE, Guilherme Galhegos. *Protagonismo como Substantivo na História Indígena*. In: *Protagonismo Ameríndio de Ontem e Hoje*. Jundiáí, Paco Editorial, 2016.

SILVA, A. F. ; BARCELOS, Artur. H. F. . *A "Terra de Ninguém": Índios e Bugres nos Campos de Cima da Serra*. In: Tau Golin; Nelson Boeira. (Org.). *História Geral do Rio Grande do Sul - Povos Indígenas*. 1ed. Passo Fundo: Méritos, 2009, v. 5, p. 63-80.

SILVA, Juciane Beatriz Sehn. *Territorialidade Kaingang: Um estudo histórico da Aldeia Kaingang Linha Glória, Estrela-RS*. UNIVATES. Monografia: 2011

SILVA, Juciane Beatriz Sehn da & LAROQUE, Luís Fernando da Silva. *A história dos Kaingang da Terra Indígena Linha Glória, Estrela, Rio Grande do Sul/Brasil: Sentidos de sua (re)territorialidade*. Soc. & Nat., Uberlândia, ano 24 n. 3, 435-448, set/dez. 2012

SIMONIAN, Lígia T. L. *Toldo Monte Caseros: Terra de Índios*. Acervo Instituto Socioambiental, 1994.

SOSA, Derocina Alves Campos. *A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007

SOUZA, José Otávio Catafesto de . *A pesquisa de fontes da etnohistória indígena do Rio Grande do Sul: notícias prévias*. Veritas (Porto Alegre) , Porto Alegre, v. 36, n.143, p. 413-422, 1991.

\_\_\_\_\_. *Rastrear perceptos dos Mbyá-Guarani na etnografia de caminhada do Mburuvixá José Cirilo Pires Morinico: Cosmopolítica transnacional, pós-colonial e historicidade originária na Região Platina no III Milênio*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 295-335, jul./dez. 2017.

TOMMASINNO, Kimiye & ALMEIDA, Ledson Kurtz de. *Territórios e territorialidades Kaingang: A reinvenção dos espaços e das formas de sobrevivências após a conquista*. DOSSIÊ – ESTUDOS SOBRE AS SOCIEDADES JÊ (KAINGANG E XOKLENG) NO SUL DO BRASIL: 2014

VIANNA, Marcelo. *REFLEXÕES SOBRE O ALDEAR: O CASO DO INDÍGENA KAINGANG DE SANTA ISABEL DIANTE A CONQUISTA DA REGIÃO DO PLANALTO RIO-GRANDENSE (1858-1867)*. UFRGS: Monografia, 2000.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: outras tantas histórias*. Revista Estudos Amazônicos • vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40

#### **Anexo:**

#### **Catálogo de Fotografias dos “Archives des Capucins” de Paris (Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul)**

##### **Arquivo Savoie/10Y**

1. Interior da igreja de Flores da Cunha
2. Veranópolis – 06 de fevereiro de 1947 – Centenário da chegada dos capuchinhos
3. Capela de São Gotardo, Veranópolis. No verso está escrito, por frei Louis de La Vernaz: “como os coitados dos colonos tentam imitar o gótico”.
4. Louis de La Vernaz
5. 1956 – Ildo Meneghetti em visita ao Seminário de Veranópolis. Ao lado, Frei Cosme.
6. Capela S. J. Batista – lageadinho – Veranópolis. Construída por Fr. Louis de La Vernaz.
7. Carta das aparecidinhas a Fr. Robert D’apprieu
8. Idem
9. Idem
10. Garibáldi – Primeira Casa onde residiram os frades. Era a casa cedida pelo Pe.

Bartolomeu Tiecker (ou Tiecher)

**Arquivo Savoie/11Y**

11. Sananduva – no verso está escrito: “Catedrale di Sanduva. Cominciata nel 1915 e finita nel 1918”. Assinada por Fr. Gentile OMC (Gentil de Caravaggio)

12. Sanaduva

**13. Grupo de índios na Floresta de Sanaduva – 1905 (provavelmente foto feita por Fr. Bruno ou por Frei Raymond de Vovray-en-Bornes**

**14. Jovem índio sendo castigado (s.d. e s.l.)**

15. Veranópolis – 1905 – Primeira gruta a N Sra. de Lourdes

16. Cacique Doble – 1939 (foto: Frei Robert D’Apprieu)

17. Idem

18. Idem

19. Idem

20. Idem

21. Itapuca – 1939 (foto de Robert D’Apprieu)

22. Soledade – possivelmente em 1939

Arquivo de Savoie/S12Y

23. Montenegro - foto de Frei Raymond de Vovray-en-Bornes

24. Alfredo Chaves – antiga igreja em estilo colonial

25. Alfredo Chaves – interior da antiga igreja em estilo colonial

26. Raymond de Vovray-en-Bornes (s.d. e s.l.)

Arquivo Savoie/ 13Y

27. Primeira Gruta de Veranópolis – 1905 ?

28. Índios

29. Índios

30. Colégio Protestante de Lagoa Vermelha – comprado pela missão em 1936 e transformado em hospital

**31. Índios**

**32. Cacique “Fausto” – Lagoa Vermelha**

**33. Crisma no Toldo de Cacique Doble – 19 de março de 1927. Ao lado do bispo Dom Valverde está o professor Luiz Rezende, assassinado em 28 de junho de 1927**

34. Capela de Nossa Senhora dos Polacos – Veranópolis s.d.

35. Nova Trento – interior

36. Nova Trento – 1907 - Comissão de construção da Igreja: Freis Robert D’Apprieu e Raymond de Vovray-en-Bornes. Da esquerda para a direita: Pietro Curra; Eustáquio Mascarello; Angelo Mattana; Nazareno Piccolli; Angelo Corso (Bocatta); Sisto.

37. idem

38. Seminário de Porto Alegre – 1910

**39. Cacique Doble – 1932**

40. Garibaldi s.d.

41. Idem

42. Idem

43. Idem

44. idem